

REC 2854

LIV 01

PAG 40



449/05

220

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

0 BARBEIRO DE SEVILHA

DISTRIBUIÇÃO

LOC.	220
LIV.	01
PAG.	89
REG.	2854

PL

AUTOR: BEAUMARCHAIS

67

Grupo Teatro da Cidade

Ao Serviço de Censura do Departamento de Polícia Federal



GRUPO TEATRO DA CIDADE, sediada em Santo André, São Paulo, à Rua Tabaiaras, 36; neste ato representado por seu Presidente ANTONIO ARACÍLIO PETRIN, abaixo assinado, - pretendendo encenar à partir de dia 12 (doze) de agosto p. f. a comédia "O BARBEIRO DE SEVILHA" de Beaumarchais, tradução de Mário Quintana, vem pelo presente requerer de V. Sas. se dignem censurar a referida peça, no cumprimento da lei em vigor, a fim de conceder-lhe o competente Certificado, e para tanto, anexa ao presente a Autorização da S. B.A.T., bem como 3 (tres) vias do respectivo texto, visado também pela mesma S.B.A.T.

NESTES TERMOS

P.DEFERIMENTO

Santo André, 20 de Julho de 1.970.


ANTONIO ARACÍLIO PETRIN.

Grupo Teatro da Cidade

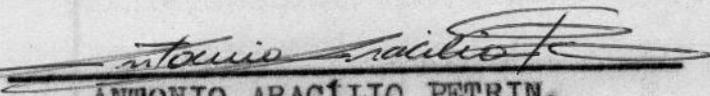
As Serviço de Censura do Departamento de Polícia Federal

GRUPO TEATRO DA CIDADE, sediada em Santo André, São Paulo, à Rua Tabalares, 36; neste ato representada por seu Presidente ANTONIO ARACÍLIO PETRIN, abaixo assinado, - pretendendo encenar à partir do dia 12 (doze) de agosto p. f. a comédia "O BARBEIRO DE SEVILHA" de Beaumarchais, tradução de Mário Quintana, vem pelo presente requerer de V. Sas. se dignem censurar a referida peça, no cumprimento da lei em vigor, a fim de conceder-lhe o competente Certificado, e para tanto, anexa ao presente a Autorização da S. B.A.T., bem como 3 (tres) vias do respectivo texto, visado também pela mesma S.B.A.T.

NESTES TERMOS

P.DEFERIMENTO

Santo André, 20 de Julho de 1.970.


ANTONIO ARACÍLIO PETRIN.

Grupo Teatro da Cidade

AO Serviço de Censura do Departamento de Polícia Federal

GRUPO TEATRO DA CIDADE, sediada em Santo André, São Paulo, à Rua Tabalares, 36; neste ato representado por seu Presidente ANTONIO ARACÍLIO PETRIN, abaixo assinado, - pretendendo encenar à partir do dia 12 (doze) de agosto p. f. a comédia "O BARBEIRO DE SEVILHA" de Beaumarchais, tradução de Mário Quintana, vem pelo presente requerer de V. Sas. se dignem censurar a referida peça, no cumprimento da lei em vigor, a fim de conceder-lhe o competente Certificado, e para tanto, anexa ao presente a Autorização da S. B.A.T., bem como 3 (três) vias do respectivo texto, visado também pela mesma S.B.A.T.

NESTES TERMOS

P.DEFERIMENTO

Santo André, 20 de Julho de 1.970.


ANTONIO ARACÍLIO PETRIN.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - SP Nº 12629

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: O Barbeiro de Sevilha

Original de Beaumarchais

Música de

Tradução de Mario Quintana

No Teatro Diversas Cidade São de André - S. Paulo

Empresa G. T. da Cidade Pela Cia.

nos dias Para Censura da Pesa

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de%

..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$

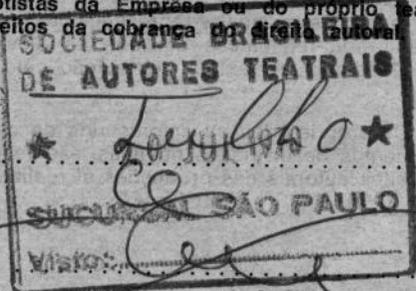
por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota porcentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança de direitos autorais.

S. Paulo 20 de Julho de 1970

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.



(pela SBAT)

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

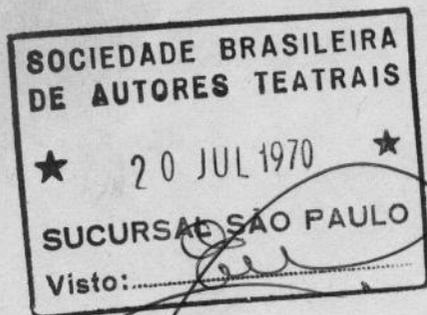
Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

"O BARBEIRO DE SEVILHA"

COMÉDIA EM 4 ATOS

DE BEAUMARCHAIS

Tradução de MARIO QUINTANA



AUTORIZAÇÃO S. B. A. T. N.º 12629

GRUPO TEATRO DA CIDADE

1º Ato

A cena representa uma rua de Sevilha, cujas casas tem as janelas gradeadas. la cena

O Conde sozinho, com uma grande capa escura e chapéu desabado.

Consulta o relógio, caminhando de um lado para outro.

Conde- É mais cedo do que eu pensava. Ainda está longe a hora em que ela costuma aparecer por detrás das grades. Não importa: antes chegar adiantado que perder o instante de avista-la. Se alguém da côrte pudesse imaginar-me aqui, a cem léguas da capital, parado todas as manhãs ante a janela de uma mulher a quem nunca falei, com certeza me tomaria por um espanhol dos tempos de Isabel. E por que não? Cada qual busca no mundo a sua felicidade. E a felicidade, para mim, está no coração de Rosina. Mas como! andar atrás de uma mulher em Sevilha quando Madrid é a Côrte oferecem a todo instante distrações tão faceis?! Mas é disso mesmo que eu fujo. Estou farto dessas conquistas oferecidas pelo interêsse ou a vaidade. Ah! que bom ser amado por si mesmo!... Se eu pudesse ter certeza, com este disfarce,.. Oh! maldito importuno!

Cena 2

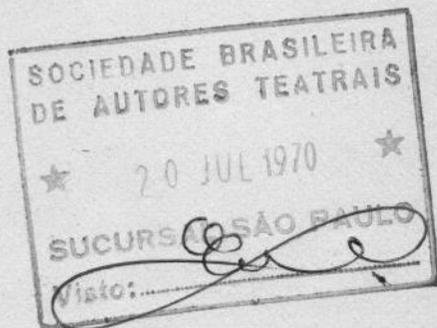
Fígaro, o Conde oculto

Fígaro, com uma guitarra a tiracolo, da qual pende uma larga fita. Nas mãos um lapis e um papel, e vai cantarolando alegremente:

Fígaro Longe os pesares
Que nos consomem...
Sem a alegria
Do vinho amigo,
Que não seria
De um pobre homem?!
A triste vida
Que levaria
Com que presteza
Não morreria!

Até aqui parece que não vai mal...

Com que presteza
Não morreria!
A preguiça e o vinho
Disputam meu coração



Fígaro- Qual! Disputar, não disputam...Reinam, amigavelmente, no meu coração.

Partilham...meu coração
 É assim que se diz? Partilham?... Ora! os nossos fazedores de operas não tem desses escrupulos. Hoje em dia, o que não mere-
 -ce ser escrito, canta-se...

CANTA---

A preguiça e o vinho
 Partilham meu coração
 Eu desejaria terminar com alguma coisa de belo, de brilhante, de cintilante, que parecesse um pensamento.
 (Põe um joelho em terra e escreve, cantando.)

Partilham meu coração:
 Se aquela me tem carinho...
 Este me tira a aflição

Não! Falta realce. É preciso uma oposição, uma antítese:
 Se uma... é a minha senhora
 O outro...

Pronto achei!

O vinho e a preguiça, agora,
 Partilham meu coração:
 Se uma é a minha senhora,
 O outro é meu servidor
 O outro é meu servidor
 O outro é meu servidor

Ah! Quando isto estiver com o respectivo acompanhamento, é que vamos ver, senhores senhores da claque, se eu não sei o que digo! (Avista o conde) Mas já vi esse padre não sei onde...

Conde-(Ergue-se) (a parte) Esse homem não me é desconhecido.

Fígaro- Não! não é um padre! Esse ar altivo e nobre...

Conde- Esse jeito grotesco...

Fígaro- Ou eu muito me engano, ou é o conde de Almaviva.

Conde - Creio que é esse o malandro do Fígaro.

Fígaro- Ele mesmo, Excelencia!

Conde - Biltre! se dizes mais uma palavra...

Fígaro- Sim, eu o reconheço. Reconheço as bondosas familiaridades com que V.Excia. sempre me distinguiu.

Conde- E eu que não sabias quem eras...Estás tão magro...

Fígaro- Que quer, Excia.? É a miséria.

Conde- Coitado! Mas que fazes em Sevilha? Eu não te havia dado uma recomendação para um emprêgo, há tempos?

Fígaro- Pois obtive-o, Excia., e greia que o meu reconhecimento...

Conde - Chama-me Lindor. Não vês pelo meu disfarce, que eu quero ficar incógnito?

Fígaro- Bem, então vou andando.

Fígaro- Qual! Disputar, não disputam...Reinam, amigavelmente, no meu coração.

Partilham...meu coração
É assim que se diz? Partilham?... Ora! os nossos fazedores de operas não tem desses escrupulos. Hoje em dia, o que não mere-
-ce ser escrito, canta-se...

CANTA---

A preguiça e o vinho
Partilham meu coração
Eu desejaria terminar com alguma coisa de belo, de brilhante, de cintilante, que parecesse um pensamento.
(Põe um joelho em terra e escreve, cantando.)

Partilham meu coração:
Se aquela me tem carinho...
Este me tira a aflição

Não! Falta realce. É preciso uma oposição, uma antítese:
Se uma... é a minha senhora
O outro...

Pronto achei!

O vinho e a preguiça, agora,
Partilham meu coração:
Se uma é a minha senhora,
O outro é meu servidor
O outro é meu servidor
O outro é meu servidor

Ah! Quando isto estiver com o respectivo acompanhamento, é que vamos ver, senhores senhores da claue, se eu não sei o que digo! (Avista o conde) Mas já vi esse padre não sei onde...

Conde-(Ergue-se) (a parte) Esse homem não me é desconhecido.

Fígaro- Não! não é um padre! Esse ar altivo e nobre...

Conde- Esse jeito grotesco...

Fígaro- Ou eu muito me engano, ou é o conde de Almaviva.

Conde - Creio que é esse o malandro do Fígaro.

Fígaro- Ele mesmo, Excelencia!

Conde - Biltre! se dizes mais uma palavra...

Fígaro- Sim, eu o reconheço. Reconheço as bondosas familiaridades com que V.Excia. sempre me distinguiu.

Conde- E eu que não sabias quem eras...Estás tão magro...

Fígaro- Que quer, Excia.? É a miséria.

Conde- Coitado! Mas que fazes em Sevilha? Eu não te havia dado uma recomendação para um emprêgo, há tempos?

Fígaro- Pois obtive-o, Excia., e greia que o meu reconhecimento...

Conde - Chama-me Lindor. Não vês pelo meu disfarce, que eu quero ficar incógnito?

Fígaro- Bem, então vou andando.

conde -Pelo contrário, fica. Estou esperando algo, e dois a taga-
-relar são menos suspeitos do que um a passear sózinho pela
rua. Conversemos para disfarçar. E então o tal emprego?

Fígaro- O Ministro, em consideração ao empenho de V.Excia., nomeou-me
imediatamente ajudante de boticário.

conde- Nos hospitais do Exército?

fígaro- Não, na estrebaria de Andaluzia.

conde - Bela idéia

fígaro- O emprego não era mau. Tinha a meu cargo os pensos e as
drogas, e muitas vezes vendia, aos homens, excelentes remé-
-dios para cavalos...

Conde- Que acabavam matando os súditos do Rei!

Fígaro- Ah! Ah! não existe remédio universal, excelencia. Em todo o caso
não deixou de curar alguns galegos, catalães etc...

Conde- Por que então deixaste o emprego?

fígaro- Deixei?(Essa é bem dêle) Intrigaram-me, Excia.; intrigaram-
me junto aos podêres

A inveja de garra adunca
De baça e lívida tez...

conde - Por amor de Deus! Será que também fazes versos? Bem que te vi
aí rebiscando sôbre o joelho, e cantarolando já de manhã...

Fígaro- Eis precisamente a causa da minha desgraça Excia. Quando
foram denunciar ao ministro o que eu fazia (e posso dizer
que muito jeitosamente) "ramalhetes a Chloris", que enviava
eníguas aos jornais, que corriam madrigais, de minha lavra,
quando êle soube que eu andava, impresso em vida, tomou a
coisa pelo lado trágico, e mandou me tirarem o emprêgo, sob
o pretexto de que o amor das letras é incompatível com o
espírito dos negócios.

Conde - Bem pensado! E não lhe representaste que...

Fígaro- Por muito feliz me dêi em ser esquecido. Pois estou certo de
que um grande já nos faz muito bem quando não nos faz mal
nenhum.

conde- Essa estória não está bem contada. Lembra-me que quando estavas
a meu serviço, eras um péssimo sujeito...

Fígaro- Meu Deus, senhor conde! É que sempre exigem que o pobre seja sem defeitos.

conde- Eras um preguiçoso, um relaxado

fígaro- Ah! Pelas virtudes que exigem de um criado, conhecerá V. Excia. muitos que dignos de ser lacaios?

conde- (rindo) Essa não está má. Quer dizer que te retiraste para esta cidade?

Fígaro- Não imediatamente. Eu...

Conde- (detendo-o) Um momento...Pareceu-me que era ela...mas vai falando que eu escuto.

fígaro- De volta a Madrid, quis tentar de novo meus talentos literários, e o teatro afigurou-se-me um campo de honra...

conde- Santa mãe de Deus!

Fígaro-(Durante esta réplica, o conde observa atentamente a janela)
Na verdade, não sei como obtive o mais retumbante sucesso. Eu tinha distribuído pela platéia os mais hábeis auxiliares. Mãos que eram umas bateadeiras...Proibi luvas, bengalas, tudo que pudesse ensurdecer os aplausos. E, palavra! antes do espetáculo, o café me parecera nas melhores disposições. Mas os esforços da claque

conde- Ah! a claque. Oh! autor fracassado!

fígaro-Como qualquer outro: por que não?Vaiaram-me. Mas se eu um dia os pudesse reunir de novo...

conde- Pensas vingar-te aborrecendo-os?

fígaro-Se o caso é de aborrecer...oh! como os aborreço!

conde- E de resto, não sabes que só se dispõe de vinte e quatro horas no Palácio da Justiça, para contraditar os juizes?

fígaro-Dispõe-se de vinte e quatro ~~xxxxx~~ anos no teatro; a vida é demasiado curta para desabafar tal ressentimento.

conde- Encanta-me a tua alegre cólera. Mas não me disseste o que te fez deixar Madrid...

fígaro-Foi o meu anjo da Guarda, Excia., pois tenho agora a felicidade de encontrar o meu antigo senhor. Vendo que em Madrid a república das letras é a república dos lobos, sempre em luta uns com os outros e que, na baixaza a que os reduz essa ridícula

fígaro-Fúria, todos os insetos, os mosquitos, os parentes, os críticos os marimbondos, os invejósos, os folículários, os livreiros os censores, tudo o que se apega ao couro dos infelizes homens de letras, acabava de os despedaçar, sugando-lhes o pouco de substância que lhes restava; cansado de escrever, aborrecido de mim, desgostoso dos outros, carregado de dívidas e aliviado de dinheiro; convencido afinal de que os úteis proventos da navalha são preferíveis às vãs honrarias da pena, deixei Madrid, e, com a minha bagagem a tiracolo, percorrendo filosoficamente as duas Castelas, a Mancha, a Estremadura, a Sierra Morena, a Andaluzia; acolhido numa cidade, aprisionado noutra, e sempre superior aos acontecimentos; ajudando o bom tempo, suportando o mau; zombando dos tolos, afrontando os malvados; rindo de minha miséria e fazendo à barba de todo mundo; eis-me enfim estabelecido em Sevilha e pronto para servir de novo V.Excia. em tudo o que lhe aprouver ordenar-me

conde- Quem te ensinou tão alegre filosofia?

fígaro-O hábito da desgraça, Escia. Apresso-me a rir de tudo, por medo de ser obrigado a chorar. Mas que está V.Excia. a olhar para aquelas bandas?

Conde- Fugamos

fígaro- Por que?

conde- Anda desgraçado! que me pões a perder. (OCULTA-SE)

CENA 3

(ABRE-SE A JANELA DO PRIMEIRO ANDAR, ONDE SE DEBRUÇA BARTOLO/ROSINA)

Rosina- Como é bom respirar o ar livre! Esta janela se abre tão raramente...

Bartolo- Que papel é esse que tens nas mãos?

rosina- São as árias da Precaução Inutil, que o meu mestre de canto me deu ontem.

Bartol- E que história é essa de Precaução Inutil?

rosina- É uma comédia nova.

bartol- Mais um drama! Alguma tolice da escola moderna!

rosina- Isso não sei...

Bartol- Bem, bem! Os jornais e as autoridades saberão o que fazer.

Século bárbaro êste!

Rosina- ~~XXXXXXXXXXXX~~.O senhor sem a injuriar o nosso pobre século!

Bartol- Mas o que foi que produziu este século para que o louvem?

Tolices de t^oda espécie: a liberdade de pensamento, a atração, a eletrecidade, o tolerantismo, a inoculação, a quinina, a Enciclopédia e os dramas.

Rosina-(O papel escapa-lhe da mão e cai na rua) Ah! a minha canção caiu enquanto eu escutava-o. Corra, corra senhor! A minha canção! Eu vou perder a minha canção!

Bartol-Tambem que jeito de segurar as coisas!(sai do balcão)

Rosina espia para dentro e faz sinal para a rua.-Pst, pst.(o conde aparece), agarre depressa e fuja. (O conde nun salto, apanha o papel e foge)

Bartol- Mas onde está? Não vejo nada.

Rosina- Debaixo da janela, junto a parede.

Bartol- Belo encargo me dás! Não terá passado alguém?

Rosina- Não não ví ninguém?

Bartol-(PARA SÍ MESMO) E eu que tenha a gentileza de procurar...

Bartolo, meu amigo, não passas de um idiota: isto deve ensinar-te a nunca abrires a janela que dá para rua.(entra).

Rosina-(ainda ao balcão)Minha desgraça é a minha escusa: sozinha encerrada em casa, sujeita a perseguição de um homem odioso, será acaso um crime tentar sair da escravidão?

Bartol-(Aparecendo ao balcão)Recolhei-vos, senhora. Se perdeste a canção, a culpa é t^oda minha, mas juro-vos que isto não mais vos acontecerá. (FECHA A JANELA A CHAVE)

CENA II

CONDE (entrando cautelosamente c/fíg.) Agora que êles se retiram, examinemos esta canção, onde decerto há algum mistério.É um bilhete.

Fígaro-E êle queria saber o que era Precaução Inutil?!

conde- (LÊ COM VIVACIDADE) Sua solicitude exita a minha curiosidade. Logo que o meu tutor tiver saído, queira cantar indifferente-mente, com a conhecida música desta canção, alguma coisa que me indique enfim o nome, o estado e as intenções daquele que parece tão obstinadamente interessar-se pela infeliz Rosina".

Fígaro-(IMITANDO A VOZ DE ROSINA)Ah! a minha canção, senhor!.(RI)

AHH! Essas mulheres! Quereis dar esperteza à mais ingênuas?

fígaro-(IMITANDO A VOZ DE ROZINA) Ah! a minha canção! A minha canção ⁷
caiu! Corra senhor! Corra corra senhor!(RI) AHH! essas mulheres
querer dar esperteza à mais ingênua, é só encerra-la em casa

conde- Minha querida Rosina!

fígaro-Agora, Excia., já sei qual o motivo de sua máscara: um amor
em perspectiva...

conde- Bem, agora já sabes de tudo, mas se deres com a língua nos
dentes...

Fígaro-Eu?! dar com a língua nos dentes! Não, não empregarei, para
tranquiliza-lo, essas grandes frases de honra e devotamento de
que tanto se abusa hoje em dia. Só lhe digo uma coisa: os meus
interesses respondem por mim; pese ~~o~~ tudo por essa balança, e...

conde- Muito bem. Fica então sabendo que o acaso me fez encontrar no
Prado, Há seis meses, uma criaturinha de uma beleza... Acabas
de vê-la. Procurei-a em vão por toda Madrid. Só há dias é que
vim a descobrir que se chama Rosina, que é de sangue nobre,
órfã e casa com um velho médico desta cidade, chamado Bartolo.

fígaro-Lindo passaro, palavra! E difícil de desaninhar! Mas que foi
que lhe disse que ela era esposa do doutor?

conde- Todo mundo

fígaro-Essa é uma história que êle próprio forjou, de chegada a Madrid
para dar o basta aos pretendentes e afasta-los. Por enquanto
é apenas sua pupila, mas em breve...

conde- (VIVAMENTE) Nunca! Ah! que noticia! E eu que estava resolvido
a tudo ousar para apresentar-lhe meus sentimentos, agora a
encontro livre! Não há um minuto a perder. É preciso fazer
com que ela me ame, e arranca-la a êsse indigno compromisso.
Conheces então êsse tutor?

Fígaro-Como a minha mãe.

Conde- Que espécie de homem é êle?

fígaro-É um velho roliço, baixote, metido a moço, barbeado, finório,
implicante, que espiona e bisbilhota e ralha e resmungo e
geme, tudo ao mesmo tempo.

conde- (Impaciente) Já sei. E o seu carater?

fígaro-Brutal, avaro, enamorado e ciumento em excesso de sua pupila, que lhe tem um ódio de morte.

conde- De modo que as possibilidades de agradar são...

fígaro-Nulas

conde- Tanto melhor. E a sua honradez?

fígaro-Exatamente a necessária para não ser enforcado.

conde- Tanto melhor. Castigar um velhaco e tornar-se feliz...

fígaro-É favorecer ao mesmo tempo o bem público e o particular: uma obra prima de moral, Excelencia!

conde- Dizes que o temor dos galanteadores o faz fechar as portas?

fígaro-A todo mundo; e se êle pudesse calafeta-las...

conde- Diabo! Tanto pior. E acaso terás acesso em casa dêle?

fígaro-Oh! se tenho! Primeiro, a casa onde resido pertence ao Dr., que me aloja gratis.

Conde- Ah! Ah!

fígaro-Sim. E eu por gratidão, prometo-lhe duas pistolas por ano, tambem gratis.

Conde (IMPACIENTE) Enfim és locatário do doutor?

fígaro-E ainda por cima seu barbeiro, seu cirurgião, seu boticário. Em casa dêle não se aplica navalha ou seringa, que não seja por mão dêste seu criado.

Conde- (Abraçando-o) Ah! fígaro meu amigo!, tu serás o meu anjo, o meu libertador, o meu Deus tutelar.

fígaro-Ora veja! Como o interêsse logo diminuiu as distancias! Esses apaixonados!...

Conde- Bem-aventurado fígaro! Tu vais ver a minha Rosiña! Vais olha-la! Avalias acaso a tua felicidade?

fígaro-Coisas de apaixonado! Sou eu que a adoro? Pudesse V. Excia. estar em meu lugar!

conde- Ah! se fôsse possível afastar todos os vigilantes...

fígaro- Era no que eu pensava...

Conde- Por doze horas apenas

fígaro-Para impedir que os outros prejudiquem os intêrêsses alheios, não há como occupallos com os seus próprios intêrêsses.

conde- De acôrdo. E daí?

conde- De acordo e daí?

fígar- (Pensativo) Penso também se a farmácia não poderia fornecer alguns meios inocentes...

conde- Celerado!

fígar- Ué! Pretendo fazer-lhes algum mal? Todos êles tem necessidade do meu officio. Trata-se apenas de os medicar em conjunto.

conde- Mas o tal doutor pode suspeitar alguma coisa...

fígar- Cumpre andar tão depressa que a suspeita não tenha tempo de nascer. Ocorre-me uma idéia. Chega hoje a esta cidade o regimento do Real Infante.

conde- E o coronel é amigo meu.

fígar- Ótimo! Queira apresentar-se em casa do Doutor, em uniforme de cavaleiro, com uma requisição de alojamento. Êle será obrigado a hospeda-lo. Do resto deixe cômigo.

Conde- Excelente!

fígar- E, não seria mau que V.Excia. se apresentasse com um ar de ter bebido um pouco...

conde- Mas para que?

fígar- ...e que, nesse estado, tomasse até algumas liberdades com o Doutor...

conde- Mas para que?

fígar- Para que êle não descofie de nada e o julgue mais empenhado em dormir do que em tecer romances em sua casa.

conde- Muito bem pensado. Mas tu, que vai fazer?

fígar- Ah! sim, eu! Por muito felizes nos daremos em êle não conhecer V.Excia., a quem alias nunca viu. E como introduzir V.Excia.?

conde- Tens razão.

Fígar- É que V.Excia. talvez não possa sustentar êsse difficil papel... (cavaleiro...embriagado...)

conde- Tu não me conheces! (FINGINDO-SE DE BÊBADO) Não é aqui a residência do Dr.Bartolo, meu amigo?

Fígar.-É não está mal, só as pernas é que tem que ficar mais bambas. (embriagadíssimo) Não é aqui a residência do Doutor Bartolo?

conde- Qual! Essa é a embriaguez vulgar.

fígar- Mas é a da boa, da gostosa.

conde- Abre-se a porta.

fígar- É o nosso homem. Afastemo-nos até que êle se vá.

CENA 5 e onde ' e fígaro (ocultos)

Bartolo-(SAI FALANDO PARA O INTERIOR DA CASA)- Volto num instante.

Não me deixem entrar ninguém. Que tolíce a minha ter saído à rua! Quando ela própria me pediu, bom que eu devia desconfiar...

E Basílio que não vem! Êle ia arranjar tudo para o meu casamento secreto, amanhã. E nada de noticias! Vamos a ver o que o terá detido.

CENA 6

conde- Meu Deus, que ouvi!? Êle vai casar secretamente com Rosina, amanhã!

fígar- Excelência, a dificuldade de vencer apenas aumenta a necessidade de agir.

conde- Mas quem é êsse tal Basílio que está metido no casamento?

fígar- Um pobre diabo que leciona canto à senhorita, um enfatuado da sua arte, um espertalhão necessitado, sempre de joelhos ante um belo escudo, e com o qual a gente sempre poderá arranjar-se. (olhando para a janela) Ei-la! Ei-la! Ei-la!

conde- Quem?

fígar- Ali detrás das grades! Ei-la! Ei-la! Não olhe, não olhe, Excia.

Conde- Por que?

fígar- Pois ela não escreveu: (Imitando Rosina) Cante indiferentemente? Isto é: cante como se cantasse unicamente por cantar...

conde- Já que comecei a interessar-lhe sem que ela me conhecesse, não abandonemos o nome de Lindor. Mais encantos terá o meu triunfo (Abre p papel que Rosinha lhe jogara) Mas como cantar por esta música? Eu não sei fazer versos!

fígar- Tudo o que lhe ocorrer, Excia., será esplêndido. Em amor, o coração não é exigente quanto às produções do espírito...
Tome a minha guitarra.

conde- Que queres que eu faça com ela? Eu toco tão mal!

fígar- (tentando ensinar) Assim com as costas da mão: ton ton ton...
cantar sem guitarra logo em Sevilha! serias reconhecido, Excia. reconhecido e despistado!

fígaro cose-se à parede, sob o balcão
conde, passeia e canta, acompanhando-se na guitarra.

11

conde Embora desconhecido
Eu de longe te adorava
Com essa pobre ousadia
Meu amor se contentava.
Queres que eu diga meu nome...
Disso, que posso esperar?
As deve um servo obediência
Ao que a rainha ordenar

fígar- (baixo) Muito bem! Coragem Excia.
conde- Humilde de nascimento,
Apagado é o meu papel,
Lindor me chamo no mundo,
Por profissão bacharel.
Quem me deram para dar-te,
Com o ciúme do mundo inteiro,
A posição e fortuna
De um garboso cavaleiro.

fígar.-Upa! Eu não faria melhor, eu que me tenho por entendido.
conde- Aqui, todas as manhãs,
Com devoção que não cansa
Eu cantarei ternamente
Meu amor sem esperança.
Todo o meu prazer consiste
Em de longe te fitar.
Quem dera que o mesmo gôsto
Sentisses em me escutar!

Conde- fígaro!

fígar- Exceelência?

conde- Achas que me ouviram?

Rosina(DENTRO (ANTA) (MUSICA DO DOUTOR EM LEIS)

Rosina Tudo me diz tão suaves coisas
Dêsse Lindor
Tudo me diz que devo ama-lo
De um puro amor...

(OUVE-SE O RUIOR DE UMA JANELA QUE SE FECHA)

fígar-Acredita o senhor conde que o tenham ouvido desta vez?

conde- Rosina fecho a janela. Decerto entrou alguém no apartamento.

fígar- Pobre pequena! Como a voz lhe tremia ao cantar! Esta aqui,
está apanhada, excia.!

Conde- Serve-se do meio em que ela própria indicou: TUDO ME DIZ TÃO
SUAVES COISAS DÊSSE LINDOR... Ah! quanta graça! quanto
espírito!

fígar- Quanta esperteza! Quanto amor!

conde- Achas que ela irá render-se, fígaro?

fígar.-Ela seria capaz até de atravessar aquelas grades, para isso!

conde- Está feito, sou de Rosina... para toda a vida

fígar- V.Excia. esquece que ela não está mais ouvindo?

conde- Senhor fígaro, só lhe digo o seguinte: ela será minha ¹² espôsa.

E, se o senhor favorecer devidamente os meus planos, ocultando-lhe o meu nome... Bem, tu me conheces!

fígaro- Entrego-me. Anda, Fígaro, corre à fortuna, meu filho!

conde- Retiremo-nos, para não nos ~~xxxxxxxxxxxx~~ tornarmos suspeitos.

fígaro- Eu entro aqui, graças a minha arte, num só passe de mágica vou adormecer a vigilância, despertar o amor, desviar o ciúme, fulminar a intriga e derrubar todos obstáculos. E V. Excia. queira ir a minha casa... O uniforme, a requisição e ouro nos bolsos!

conde- Para que ouro?

fígaro-(Com vivacidade) Ouro, meu Deus! Ouro! É a mola da ação!

conde- Não te preocupes fígaro. Arranjarei bastante ouro.

fígaro-(retirando-se)Volto dentro em pouco.

conde- Fígaro...

fígaro-Que é que há?

conde- E a tua guitarra?

fígaro- Esqueci minha guitarra? Estou louco mesmo! (SAI)

conde- Mas e a tua casa, cabeça de vento?

Fígaro- (VOLTANDO) Ah! Como estou! Fica a quatro passos daqui.

Azul, vidraças de caxilhos e a tabuleta com três tigelas pintadas, uma mão e um Ôlho, e a divisa CONSILIO MANUQUE,

FÍ GA RO.

1º ato.

2º A T O

apartamento de Rosina. Uma janéla gradeada ao fundo.

la cena

Rosinha, sózinha com um castiçal na mão. Apanha papel sobre a mesa e põe-se a escrever.

Rosina- Marcelina está doente, todo o pessoal se acha ocupado, e ninguém me vê escrever. Não sei se estas paredes tem olhos e ouvidos, ou se o meu Argos tem algum gênio maligno que o informa de tudo, mas não posso dizer uma palavra, nem dar um passo, sem que êle logo adivinhe a intenção... Ah! Lindor!... (fechando a carta) Fechemos a carta, em todo o caso, embora eu não saiba como nem quando lhe mandar. Vi-o, atravez das minhas grades, falar longamente com o barbeiro Fígaro. Um bom homem êsse Fígaro. Já tem demonstrado compadecer-se de mim. Se eu pudesse falar-lhe um momento!

CENA 2

Rosina-(surprêsa) Ah! Senhor Fígaro, quanto prazer em vê-lo!

Fígaro- Bem de saúde, senhora Rosina?

rosina- Não muito bem, senhor Fígaro. Morro de tédio.

fígaro- Assim o creio. O tédio só engorda a todos.

rosina- Com quem estava falando o senhor tão animadamente, lá na rua? Eu não ouvia mas...

Fígaro- Com um jovem bacharel meu parente, moço de muito futuro, cheio de dotes; de inteligência, de sentimentos. E quanto ao físico, não se pode exigir melhor.

Rosina- Oh! Lá isso não se discute. E chama-se...?

Fígaro- Lindor. Não tem nada de seu. Mas, se não houvesse deixado bruscamente Madrid, poderia arranjar por lá um bom lugar.

Rosina- Arranjará, Senhor Fígaro, arranjará... Assim, tal como o senhor o pinta, não é homem que se conserve ignorado...

Fígaro. (A parte) Esplêndido! (alto) Mas êle tem um grande defeito, que sem dúvida lhe prejudicará a carreira.

Rosina- Um defeito, Senhor Fígaro? Um defeito! Tem certeza disso?

fígaro- Esta apaixonada.

Rosina- "paixonado! E chama isso de defeito?!

fígaro- Na verdade, só é um defeito se considerarmos a sua pobreza.

Rosina-Ah! Que injusta é a sorte! E como se chama, diga, a criatura a quem êle ama? Estou tão curiosa...

fígaro-A senhora é a última pessoa a que eu faria uma confidência de tal natureza.

Rosina-(com vivacidade)Por que, senhor fígaro? Eu sou discreta. Êsse jovem está ligada ao senhor, interessa-me infinitamente... por favor...diga,,,

fígaro-(OLHANDO MALICIOSAMENTE)Imagine a mais linda criaturinha, viva, meiga, apetitosa, pézinho rápido, talhe esbelto...uns braços tão bem torneados...e que mãos. que dentes!. que olhos!...

rosina- Mora nesta cidade?

Fígaro- Neste quarteirão.

rosina- Nesta rua quem sabe?

fígaro- Digamos... a dois passa de mim...(GARGALHADAS)

rosina- Oh! que bom!...para o senhor seu parente. E essa pessoa é...?

fígaro- Eu não lhe disse o nome?

rosina-(vivamente) Foi a única coisa que o senhor esqueceu. Diga,diga depressa. Se entrasse alguém eu poderia não ficar sabendo...

fígaro- Quer mesmo que o diga, senhora? Quer? Pois bem é a pupila... do seu tutor.

rosina- Pupila?...

fígaro- Do doutor Bartolo, sim, minha senhora.

Rosina -(com emoção)Ah! senhor fígaro...não acredito no que diz, juro-lhe que não acredito.

fígaro- Pois êle está ansioso para vir convencê-la pessoalmente.

rosina- Faz-me tremer Senhor Fígaro.

fígaro- Mau, mau, senhora! Quando se cede ao medo do mal, sente-se o mal do Medo. Aliás, acabo de a desembaraçar, até amanhã, de todos os seus vigilantes.

rosina- Se êle me ama, deve prova-lo conservando-se absolutamente tranquilo.

fígaro - OH! Senhora!Acaso amor e repouso podem habitar o mesmo coração? Tão desgraçada é hoje a pobre juventude, que só lhe resta êste terrível dilema: amor sem repouso ou repouso sem amor.

Rosina-(Baixando os olhos) Repouso sem amor... parece... É triste, muito triste. De fato parece preferível amor sem repouso. Quanto a mim, se fôsse mulher...

Rosina-(embaraçada) É certo que uma moça não pode impedir que um homem sério a estime... Mas se êle cometer alguma imprudência, senhor fígaro, ai de nos!

Fígaro-(a parte) Ai! de nos! (Alto) Se a senhora o proibisse expressamente, numa cartinha... Olhe que uma carta tem muito poder.

Rosina-(Entregando-lhe a carta que acabara de escrever)-Não tenho tempo de recomençar esta, mas, quando ~~Axx~~ entregar diga-lhe... diga-lhe que...(põe-se a escuta)

fígaro- Não vem ninguém, senhora.

rosina----que tudo o que faço é por pura amizade.

fígaro- Por pura amizade! O amor tem outra linguagem...

Rosina- Por pura amizade, compreende? Apenas temo que, desgostoso com as dificuldades...

fígaro- Sim, apenas se se tratasse de algum fogo-fátuo... Mas lembre-se que o vento, se apaga uma véla, atíça uma fogueira. E que essa fogueira é a paixão. E tamanho calor desprende que, só de falar nela, quise me pegou a febre, eu que nada tenho a ver com a história.

Rosina-Meu Deus! Ouço os passos de meu tutor. Se êle o encontrasse aqui... Passe pelo salão de música e desça o mais discretamente que puder

Fígaro- Tranquelize-se. (A PARTE) Eis aqui o que vale mais que todos os meus conselhos. (ENTRA NO SALÃO DE MÚSICA).

CENA 3

Rosina- Morro de inquietação até que êle esteja na rua... Como o estimo êsse bom fígaro! É um homem as dircitas, um ótimo parente. Ah! Eis o meu tirano. Retomemos o trabalho.

(APAGA A VELA, SENTA-SE, E POË-SE A BORDAR O TA'BORETE)

CTNA4

- Bart- (Encolricizado) Maldição! Fígaro bandido! Não se pode sair de casa um momento que...
- Rosi- Por que tôda essa cólera senhor?
- Bart- É esse maldito barbeiro que me desarranjou tôda a casa. Pois não é que acaba de dar um narcótico ao Esperto, um esternutatório ao Moço, e de sangrar o pé de Marcelina? Nem a minha mula escapou... Imagine-se! um cataplasma nos olhos de um pobre animal cego! Só por que me deve cem escudos, apressa-se em aumentar a minha conta! Ah! que se atreva a apresenta-la! E ninguém na antecâmara, chega-se neste apartamento como na praça d'armas.
- rosi- E quem mais, senão o senhor, poderia penetrar?
- Bart- Prefiro temer sem motivo a expor-me sem cautéla; tudo está cheio de aventureiros, de atrevidos,... Ainda esta manhã não surrupiaram a tua canção, enquanto eu descia a procura-la? Oh! eu...
- rosina- Isso já é querer dar importancia a tudo! Foi com certeza o vento que varregou o papel...ou qualquer passante, sei lá!
- bartbart- O vento, qualquer passante!... Pois saiba a senhora que não há vento nem qualquer passante no mundo! E é sempre alguém, parado de propósito nalgum lugar, que apanha os papeis que as mulheres fingem deixar cair por descuido.
- rosi- Fingem, senhor?
- bart- Sim, senhora, fingem.
- rosi- (A PARTE) Peste de velho!
- Bart- Mas nada disso tornará a acontecer, pois vou mandar tapar essas grades.
- rosi- Faça melhor: mande murar as janélas, de uma vez. Entre uma prisão e um calabouço é tão pouca a diferença!
- bart- Para as janelas que dão para a rua, talvez não ficasse mal... E esse barbeiro, não estêve aqui, ao menos?
- rosi- Também êle lhe causa desconfiança?
- bart- Como qualquer outro.
- Rosi- Com que resposta me vem o senhor!

bart.-Ah! Vá um pobre homem fiar-se em todo o mundo, e logo terá em casa uma boa espôsa para o enganar, bons amigos para a raptarem e bons criados para lhe servirem de cúmplices.

rosi.-Como! Não admite nem mesmo que a gente possua princípios morais contra a sedução do senhor fígaro?

bart- Quem é que pode entender alguma coisa dos caprichos femininos?

rosi.--(ENCOLERIZADA) Neste caso se basta ser homem para nos agradar, por que é que então o senhor me desagrada tanto?

Brto.--(E TUPEFALTO) O que...? Por que...? Como...? Mas a senhora não x vai responder a minha pergunta sobre esse barbeiro?

rosi.--(FORA DE SI) Pois bem, êsse homem esteve em meu apartamento, vi-o, falei com êle. Nem mesmo oculto que o achei muito amavel. E agora, senhor Bartolo, que isto o faça rebentar! (SAI)

CENA 5

Bartolo-(sozinho) Êsses cachorros dêsses criados! Moço! Esperto!

Vem cá maldito Esperto!

cena 6

ESPERTO CHEGA BOCEJANDO, MEIO ADORMECIDO Aah! Aah! ahh!.

Bart.-Onde estavas, môsca tonta, quando êsse barbeiro entrou aqui?

Esper- Tu estava, meu patrão...ah!, aah!, ah!...

Bart.- A tramar alguma esperteza...E não o viste?

Esper- Claro que o vi. Êle me achou muito doente, pelo que me disse.

E por certo que era verdade. Tanto assim que começaram a me doer todos os membros, só de o ou...ouvir fa...fa...falar aah!

Bart.--(IMITANDO-O) Só de o ou... ouvir... fa...fa...falar Onde diabo está esse malandro do Moço? Onde já se viu tal coisa? Medicar esse rapazinho sem prescrição minha! Aqui há coisa...

CENA 7

Entra Moço apoiado num bastão, Esperto sempre bocejando

Esper- Moço!

Bart.- Deixa os espirro pra depois.

Moço- Mais de cinquenta... cinquenta num minuto...(espirra)

Não posso mais...

bart.- Como! Então pergunto a vocês dois se alguém entrou no apto. de Rosina, e não me dizem que esse tal de barbeiro...

Espert.- Mas será que o senhor fígaro é alguém? Aah! aah!

Bart.- Aposto que houve combinação.

Espert.- (CHORANDO COMO UM TOLO) Eu... combinação!...

Moço- (ESPIRRANDO) Mas então não existe... não existe justiça, patrão?

Bart.- Justiça! Que tem a fazer a justiça entre miseráveis? Sou eu o senhor de vocês, -o senhor, compreendem?- para sempre estar com a razão.

Moço- (ESPIRRANDO) Mas por deus! quando uma coisa é verdadeira...

Bart.- Quando uma coisa é verdadeira! Se eu não quero que seja verdadeira!, decido que não é verdadeira. É boa! se se fosse permitir a todos êsses malandros que tivessem razão, que seria feito da autoridade?

moço- (ESPIRRANDO) Prefiro ser despedido. Um serviço terrível, e sempre numa inferneira destas!

Espert- (CHORANDO) Um pobre homem de bem tratado como um miserável!

Bart.- Vai-te, pois. pobre homem de bem. (Imitando-os) E tchi e tchá!

Um me espirra na cara, o outro me boceja no nariz.

moço- Ah! Senhor, juro-lhe que, se não fôsse a senhorita, não haveria...

meio de ficar nesta casa. (RETIRA-SE ESPIRRANDO)

CTNA 8

Fígaro oculto no salão enquanto conversa bartolo e basílio.

Bart.- Ah! Dom Basílio, veio dar lição de canto a Rosina?

Basil- Isso é o menos urgente.

Bart.- Passe por sua casa e não o encontrei.

Basil- Tinha saído para tratar de seus negócios. Trago nas novas.

Bart.- Para o senhor?

Basil- Não, para o senhor. O conde de Almaviva encontra-se na cidade.

Bart.- Fale baixo. Aquê! que andava procurando Rosina por toda Madri?

basil- Êle mesmo. Reside na praça grande e sai todos os dias disfarçado

bart.- Não há dúvida, isto é comigo mesmo. E que fazer?

basil- Se se tratasse de um particular, não seria difícil dar jeito.

bart.- Compreendo, esperando-o à noite, de emboscada, bem armado...

basil-Meu Deus! Não de comprometer-se! O melhor é uma boa intriguinha.

E, enquanto a coisa ainda estiver fervendo, dar vasão a calúnia

Isto sim!

Bart.-Singular maneira de descartar-se de um homem!

Basíl- A calúnia? Oh! o senhor não sabeo que desdenha. Já vi as mais honradas pessoas quase aniquiladas por ela. Creia-me que não há mesquinha maldade, nem revoltante horror, que não se consiga, com ~~xxx~~ algum jeito, propalar entre os ociosos de uma grande cidade; e temos aqui gente de uma habilidade para tais coisas!...Um leve rumor primei-ro, renteando o chão como andorinha antes da tempestade, murmura pianíssimo a alça do vôo, e semeia correndo o atroz veneno. Uma bôca o recolhe e, piano, piano, instila-o hábilmente num ouvido. O mal esta feito, germina, alastra-se, e rinforzando de bôca em bôca segue o seu destino: depois, de súbito, não se sabe como, vê-se a calúlia erguer-se, inflar-se, crescer a olhos vistos; Lança-se, revôa, envol-ve, arranca, arrasta, rebenta e reboa, e torna-se graças ao Céu, uma grita geral, um crescendo público, um chorus universal de ódio e proscricção. Quem lhe resistiria?

Bart.-Mas que trapalhada é essa, dom Basílio? E que relação pode ter esse piano-crescendo com o meu caso?

basil-Como, que relação? O que em tôda parte se faz para afastar um inimigo, devemos fazê-lo aqui, para impedir o seu de aproximar-se

Bart.- De aproximar-se? Pretendo desposar Rosina antes que ela tenha tempo de saber que êsse conde existe.

basíl- Neste caso, não tem um instante a perder.

bart.- E de quem depende isso, basílio? Encarreguei-o de todos os detalhes deste assunto.

Basíl- Sim. Mas o senhor regateou as custas; e, na harmonia da boa ordem, um casamento desigual, um julgamento iníquo, uma evidente ilegalidade, são dissônâncias que se devem sempre preparar e atenuar por acio do acorde perfeito do ouro.

Bart.- (DANDO-LH DINHEIRO) Bem. Cumpre passar pelo que o senhor diz; mas terminemos de vez com isso.

Basil-Isto é que é falar. Amanhã tudo estará terminado. Agora só ~~xxxx~~ depende do senhor impedir que alguém possa, hoje, dar instruções à sua pupila.

bart.-Fie-se em mim. Vai voltar hoje, Dom Basílio?

basíl-Não espere por mim. O seu casamento me tomará todo o dia.

Não espere por mim.

Bart.- (ACOMPANHANDO-O) Às ordens

Basil- Fique, Doutor, não se incorode.

Bart.- Não. Quero fechar às suas costas a porta da rua.

CENA 9

Fígaro, sózinho, saindo do salão de música.

-Oh! a bela precaução! Fecha, fecha a porta da rua, que eu vou abri-la ao Conde, quando sair. Um grande maroto, êsse Basílio! Felizmente, é ainda maior tolo. É preciso uma situação, uma família, um nome, uma posição, consistência enfim, para causar efeito caluniado. Mas um Basílio! Quem lhe dará crédito?

CENA 10

Rosina-(CORRENDO) Como! Ainda está aqui! Senhor Fígaro?

fígaro- É muito felizente para a senhorãta. O seu tutor e o seu mestre de canto, julgando-se a sós, acabam de falar com tôda franqueza...

Rosina-E o senhor os escutou? Mas isso não é direito, Sr.fígaro!

Fígaro-Escutar! No entanto é o que há de melhor para ouvir. Pois saiba que o seu tutor prepara-se para desposa-la amanhã.

Rosi.-Oh! Meu Deus do Céu

Fígaro- Nada tema, nos lhe daremos tanto trabalho que êle não terá xx tempo de pensar em tal.

Rosina- Ei-lo que volta. Saia pêla escada dos fundos, o senhor me faz morrer de mêdo. (FÍGARO FOGE)

CENA 11

Rosina- O senhor estava aqui com alguém?

Bart.- Com Dom Basílio, que eu acabo de reconduzir, e ainda bem.

Preferias que fôsse o senhor fígaro, não?

rosina-Issso me é indiferente asseguro-lhe.

bart.-Tu bem queria saber que coisa tão urgente veio dizêr-te esse barbeiro...

rosi.-Quer que fale sério? Veio comunicar-me o estado de Marcelina que, pelo que me disse, não está passando muito bem.

Bart.-Comunicar-te heim!? Aposto que estava encarregado de entregar-te alguma carta.

Rosi.-É de quem queira dizer-me?

Bart.-Ora, de quem! De alguém que as mulheres não noçiam nunca.

Sai lá eu! Talvez a resposta ao papel da janela.

Rosi.-(A PARTE) Êle não perde uma.(alto) E o senhor muito bem merecia que isso fôsse verdade.

Bart.-(OLHA AS MÃOS DE ROSINA) É isto mesmo. Acabas de escrever.

Rosi.-Havia de ser muito engraçado que o senhor quisesse fazer-me concordar consigo.

Bart.-(PEGANDO-LHE A MÃO DIREITA) Tu? Longe de mim! Mas e este dedo ainda manchado de tinta! Espertinha, hein?

Rosi.(A PARTE) Amaldiçoado!

Bart.-(SEGURANDO-LH A MÃO) Uma mulher que está sósinha só por isso se julga em segurança.

Rosi.-Ah! Naturalmente...Que bela prova!... Termine de uma vez com isso senhor, que está me torcendo o braço. Queimei-me enquanto costurava junto desta vela, e sempre me disseram que era bom molhar a queimadura com tinta; foi o que eu fiz.

Bart.-Foi o que fizeste? Vejaros então se uma segunda testemunha confirmará o depoimento da primeira. É êste caderno de papel, onde tenho certeza que havia seis fôlhas: pois costume conta-las todas as manhãs, como ainda hoje.

Rosi.-(A PARTE) Imbecil! (ALTO) A sexta...

Bart.-(CONTANDO) Três, quatro, cinco; bem vejo que a sexta não está aqui.

Rosi.-(BAIXANDO OS OLHOS) A sexta fôlha, empreguei-a para fazer um cartucho de borbons que mandei à peugena do Sr. Fígaro.

Bart.-À pequena do sr. Fígaro? E a pena, que era novinha, como é que está preta agora? Foi escrevendo o enderêco da pequena do Sr. fígaro?

Rosi.--(A PARTE) Êsse homem tem o instinto do ciúme!(ALTO) Serviu-me para riscar de novo uma flôr apagada, na jaqueta que estou bordando para o senhor.

Bart.--Oh! Que coisa edificante! Para que te acreditassen, seria preciso não enrubeceres enquanto ocultas a verdade; mas isso ainda tu não sabes fazer.

Rosin--E quem não enrubesceria, senhor, ao ver tirar conclusões tão malignas de coisas feitas com maior inocência?

Bart.--Com certeza estou enganado: queimar o dedo, mergulha-lo na tinta fazer cartuchos de bombons para a pequena e desenhar-me flores na ~~xxxxxx~~ jaqueta... haverá coisa mais inocente? Mas quanta mentira para ocultar um único fato!... ESTOU SÓZINHA, NINGUÉM ME VÊ, PODEREI MENTIR A VONTADE; mas a ponta do dedo está preta, a pena está manchada, o papel está faltando; impossível pensar em tudo. Mas fique certa de que, quando eu fôr à cidade, duas voltas de chave me responderão pela senhora.

CENA 12

O conde em uniforme de cavalaria, com o ar de quem está meio embriagado, e cantando: "DESPERTEMO-LA!" Etc...

Bart.--Mas que nos quer êsse homem? Um soldado! Recolha-se, senhora.

CONDE--(CANTA "DESPERTEMO-LA", E ENCAMINHA-SE PARA ROSINA) Qual dentre vos, minhas senhoras, se chama o Dr.Bartolho? (A ROSINA BAIXO) Eu sou Lindor.

Bart.--Bar-to-lo!

Rosi.--(A PARTE) Êle fala em Lindor.

conde--Barbolho, barba-no-ôlho, é coisa que não me importa. Trata-se apenas de saber qual das duas...(A ROSINA, DANDO-LHE PAPEL) Tome esta carta.

Bart.--Qual das duas! Bem está vendo que sou eu. Qual das duas! Recolhe-te, Rosina, êsse homem me parece embriagado.

rosin--É por isso mesmo que devo ficar; o senhor está sózinho. É uma mulher às vezes impõe respeito.

Bart.-- Recolhe-te, recolhe-te; eu não sou medroso.

conde.- Oh! eu o reconheci por seus sinais.

Bart.- (AO CONDE QUE SEGURA A CARTA NO BOLSO) Que é que o senhor está ocultado aí no seu bolso?

Conde.- Oculto-o no meu bôlso para que o senhor não saiba o que é.

bart.- Meus sinais? Essa gente pensa que está sempre falando com soldados!

conde.- Acha que seja assim tão difícil traçar os seus sinais?

Cabeça trêmula
Pelado o côco,
Olhos trocados,
Olhar de louco.
O as selvagem
De um hotentote...

Bart.- Que quer isto dizer? Está o senhor aqui para insultar-me?

Suma-se imediatamente.

conde.- Sumir-me? Que modo é esse de falar comigo? O senhor sabe lêr doutor... Barba de mólho?

Bart.- Outra pergunta despropositada.

conde.- Oh! não se apoquente, pois eu, que pelo menos sou tão médico como o senhor...

bart.- Como assim?

conde.- Pois não sou médico dos cavalos do regimento? Eis porque trataram de alojar-me em casa de um confrade.

bart.- Atrever-se a comparar um veterinário...

conde.- (ÁRIA DE VIVA O VINHO)

A nossa arte excelente
Tu não pretendo afirmar

(SEM CANTAR)

que possa acaso ganhar
De Hipocrates e sua gente.

(CANTANDO)

A sua ciência afinal
Tem sucesso mais patente:

pois quando não leva o mal,
Pelo menos leva o doente.

-Quer maior polidez da minha parte?

Bart.- Bem lho fica, seu ignorante manipulador, escarnecer assim da primeira, da maior e da mais util das artes!

conde.- Útil ao menos para os que a praticam.

bart.- Uma arte cujos triunfos o sol se honra em alumiar

conde.- E cujos erros a terra se apressa em cobrir.

bart.- Bem se vê, seu grosseirão, que só está habituado a falar a cavalos.

conde-Falar a cavalos! Oh! doutor, o senhor um homem inteligente...

Pois não é sabido que o veterinário cura os seus cliêntes sem falar com êles? Ao passo que um médico fala muito aos seus...

Bart.-E não os cura, não é verdade?

conde- O senhor o disse.

bart.- Quem diabo mandou aqui êsse maldito bêbado?

conde- Oh! doutor, não me faça badrigais!

bart.-Enfim, que pretende? Que quer o senhor?

Conde-(FINGINDO-SE GRANDIEMENTE ENCOLERIZADO) Com que então êle ainda se altera?! O que eu quero? Será que o senhor não comprende o que eu quero?

CENA 14

rosin.-(OCORRENDO) Senhor soldado, não se altere, por favor.

(A BARTOLO). Fale com brandura; não vê que êle está fora de sí

conde- A senhora tem tôda a razão; êle está fora de sí. Mas nós não. Eu sou polido, e a senhora é bonita...Mas basta. A verdade é que nesta casa só quero entender-me com a senhora, e mais ninguém.

Rosina-Em que lhe posso ser úril, senhor soldado?

conde- Uma pequena bagatela, minha filha. Mas houver obscuridade em minhar palavras...

Rosin- Eu saberei apreender-lhes o espírito.

conde- (APRESENTANDO-LHE A CARTA) Não, limite-se à letra, à ~~xxxxx~~ letra... Trata-se apenas... e eu o digo com tôda a isenção, palavra! Trata-se apenas de me darem pousada por esta noite.

bart.- Só isso?

conde- Nada mais. Leia o doce bilhetinho que o novo quartel-mestre lhe mandou.

bart.- Vejamos.(O CONDE OCULTA A CARTA E DÁ-LHE OUTRO PAPEL. BARTOLO LÊ.)

"O dr. Bartolo receberá, alimentará, albergará, dará cama..."

conde.-(ACENTUADO) Dará cama.

bart.-"...por uma noite, ao chamado Lindor, por apelido, cavaleiro do regimento..."

rosin.- É êle, é êle mesmo!

Bart.-(VIVAMENTE A ROSINA) Que é que há?

conde-Bem. Não estou no meu direito, agora doutor Barbolho?

bart.-Parece que êsse homem tem um prazer todo especial em estropiar meu nome de tôdas as maneiras possíveis. Vápara o diabo que o carregue! Barbolho Barba no ôlho! e diga a seu atrevido quartel-mestre que, desde minha viagem a Madrid, estou desobrigado de alojar militares.

Conde-(A PARTE)Maldito contratempo!

bart.-Ah! nosso amigo, isso o contraria e o faz melhorar um pouco, hein? Mas não por isso mesmo deixe de sumir-se imediatamente.

conde-(A PARTE) Quase que me traí! (ALTO) Se o senhor está desobrigado dos militares não o está da polidez, não é? Sumir-me! Queira mostrar-me o seu certificado de isenção. Embora eu não saiba ler quero ver se...

bart.-Por isso não haja dúvida. Está na minha gaveta.

conde.-(BARTOLO SAI. CONDE APROVEITA PARA FALAR A ROSINA)

Ah! Minha bela Rosina!

Rosin.-Como? és tu mesmo Lindor!

conde- Ao menos aceita esta carta.

rosin.-Cuidado, êle nos traz de ôlho.

conde.- Tira o lenço, eu a deixarei cair.

Bart.-(APROXIMA-SE) Devagar, devagar, senhor soldado, eu não gosto que se aproximem de minha mulher.

conde.- Ela é sua mulher?

bart.- E daí?

conde- Pois, eu o havia tomado por seu bisavô paterno, materno, sempiterno; há pelo menos três gerações entre ambos.

bart.- (LÊ UM PERGAMINHO) "Pelos suficientes e fiéis testemunhas que nos fôram prestados..."

conde.-(DÁ UM TAPA NO DOCUMENTO, QUE CAI NO CHÃO.) Para que preciso eu de tôda essa parolagem?

bart.-Saiba, soldado, que se eu chamar a minha gente, hão de trata-lo como bem merece.

conde-Um combate? Ah! Com muito gosto. Combate é comigo mesmo.

(MOSTRANDO A PISTOLA NA CINTA) E aqui está com que lhes deitar poeira nos olhos. A senhora com certeza nunca viu um combate, não é?

rosin.- Não quero ver.

conde- Pois não há nada mais alegre que um combate. Imagine (TEMPUR-
 *RANDO O DOUTOR) primeiro que o inimigo está de um lado da
 ravina, e os amigos do outro. (ROSINA MOSTRANDO-LHE A CARTA)
 Puxe o lenço. (COSPE NO CHÃO) Aqui está a ravina, figuradamente
 (ROSINA PUXA O LENÇO, O CONDE DEIXA CAIR A CARTA ENTRE AMBOS)

bart.- (ABAIXANDO-se) Hum! Hum!

conde-apanha a carta e diz) Ora veja! E eu que ia ensinar-lhe os
 segredos do meu ofício...Uma mulher muito discreta na verdade!
 Pois não é que deixa cair do bolso um bilhete de amor?

Bart.-Dê-me, dê-me.

conde-Fulciter, papai! Cada qual com o que lhe compete. Se lhe caísse
 do bolso uma receita de ruibarbo...

Rosi.-ESTENDENDO A MÃO) Ah! eu sei o que é, senhor soldado.

(TOMA A CARTA, ESCONDENDO-A NO BÔLSO DO AVANTAL.)

bart.-E então o senhor sai, ou não sai?

conde-Pois bem, saio. Adeus, doutor? e não me queira mal. Meus cum-
 pimentos, coração; e peça à morte que me esqueça ainda durante
 algumas campanhas; nunca a vida me foi tão cara...

bart.-Mas vá andando. Se eu tivesse essa influência junto a ela...

conde.-Ah! doutor, o senhor já fez tanto pela morte, que ele nada
 lhe poderá recusar. (RETIRA-se)

CENA 15

Bart.-(VENDO-O PARTIR) Até que enfim! (A PARTE) Dissimulemos.

rosin.-Mas o senhor há de reconhecer que é muito divertido êsse joven
 militar. Apesar da embriaguez, vê-se que não deixa de ter espí-
 rito e certa educação.

bart.- Ainda bem, meu amor, que nos librenos dêle! Mas não sentes
 alguma curiosidade em ler comigo o papel que êle te entregou?

Rosin.- Que papel?

Bart.- O que êle fingiu apanhar para que o recebesses.

rosin- Bem, é a carta do meu primo oficial, que me havia caído do
 bolso.

bart.-Pois a mim me parece que êle a tirou do seu.

rosin.- Logo vi que era mesmo a carta do primo.

bart.- Mas que te custa verificar?

rosin.- Nem sei onde a guardei.

Bart.- (APONTANDO-LHE O BOLSINHO) Tu a pusaste aí.

rosin.- Ah! Sim? foi por pura distração.

bart.- Sem dúvida. Vai-se ver que é alguma tolice!

rosin.- (À PARTE) Se não o enraiveço, não haverá como recusar.

bart.- Dá-me coração.

rosin.- Que significa tal insistência, senhor? Mais alguma desconfiança

bart.- Mas tu, que motivos tens para não a mostrares?

Rosin.- Repito-lhe que este papel é apenas a carta de meu primo, que o senhor me entregou ontem aberta. E sem sair do assunto, desde já lhe vou dizendo que muito me desagradam tais liberdades da sua parte.

Bart.- Não entendo!

rosin.- -caso examino os papéis que lhe chegam? Por que se mete o senhor a mexer nos que me são endereçados? Se é por ciúme, insulta-me; se se trata de um abuso de autoridade que nada justifica, ainda mais me revolta.

bast.- Com que então a menina se revolta, hein? Nunca me havia falado dessa maneira.

rosin.- Se até hoje me moderei, foi por que não lhe queria dar o direito de ofender-me impunemente.

bart.- De que ofensas me falas?

rosin.- Pois não é incrível que alguém se permita abrir as cartas, de outrem?

Bart.- Da própria esposa?

rosin.- Ainda não o suu. Mas por que se há de preferir a espôsa para uma indignidade que não se faz a ninguém?

Bart.- Tu queres é desviar-me a atenção do bilhete, que foi sem dúvida escrito por algum namorado! Mas garanto-te que hei de vê-lo!

rosin.- Não, não o verá. Se se aproximar de mim, eu fujo de casa e peço asilo ao primeiro que encontrar.

bart.- E que não te acolherá.

rosin.- É o que veremos.

rosin.- É o que veremos.

bart.- Nós não estamos na França, onde sempre se dá razão as mulheres. Mas, para ababar com essas fantasias, vou fechar a porta.

Rosin.- (ENQUANTO ÊLE VAI FECHA-LO) Que fazer, meu Deus?... Vou trocar a carta pela do meu primo, e arranjar as coisas de modo que Dom Bartolo a veja. (FAZ A TROCA DAS CARTAS, PONDO NO BOLSO A DO PRIMO, COM UMAS PONTAS DE FORA.)

Bart.- (VOLTANDO) Bem! Agora espero vê-la.

rosin.- Com que direito, senhor?

bart.- Com o direito mais universalmente conhecido, o do mais forte.

rosin.- Antes terão de passar sôbre meu cadáver.

bart.- (BATENDO O PÉ) Senhora! Senhora!

rosin.- (FINGE DESFALECTER) Oh! que indignidade...

bart.- Entrega-me essa carta, ou senão... ou cuidado com a minha cólera!

rosin.- (PROSTADA NA POLTRONA) Infeliz Rosina!

bart.- Que coisas tens?

rosin.- Que terrível futuro

bart.- Rosina!

rosin.- Sufoco de raiva.

bart.- Ela não se sente bem.

rosin.- Desfaleço, morro.

Bart.- (A PARTE) Meu Deus! A carta! Leiamos-la sem que ela o saiba.

(TOMA-LHE A CARTA E PROCURA LER, enquanto toma-lhe o pulso)

rosin.- (INCLINADA PARA Ê TRAZ) Ai! desgraçada...

bart.- (solta-lhe o braço e diz a parte) Que fúria a nossa em conhecer o que tanto reecemos ficar sabendo!

rosin.- Ai! Pobre Rosina!

bart.- O uso dos perfumes... produz essas afeções espasmódicas.

(LÊ POR DETRÁS DA POLTRONA, TATEANDO-LHE O PULSO. ROSINA TERGUE-SE UM POUCO, OLHANDO-O BREJEIRAMENTE, FAZ UM GESTO DE CABEÇA, E ENDIREITA-SE NA POLTRONA, SEM FALAR.)

Bart.- (A PARTE) Meu Deus! É a carta do primo, Malditas desconfianças!

Como ~~xx~~ acalma-la agora? Que ao menos não saiba que a lê!

(FINGINDO AI PARA-LA COLOCA A CARTA EM SEU BOLSO.)

Rosin.- (SUSPIRA) ai!...

bast.- É então? Não foi nada, minha filha; uma pequena agitação de vapores, só isso: pois o teu pulso nem sequer variou. (VAI APANHAR UM FRASCO NO APARELHO)

Rosin.- (A PARTE) Ele devolveu a carta: muito bem!

bart.- Minha querida Rosina, um pouco deste cordial...

rosin.- Nada quero do Senhor; deixe-me em paz.

bart.- Confesso que me exedi por causa dêsse bilhete.

rosin.- Não se trata de nenhum bilhete! A sua maneira de pedir as coisas é que é revoltante.

bart.- (DE JOELHOS) Perdão. Logo compreendi meus erros. E aqui me tens a teus pés, pronto para repará-los.

Rosin.- Perdão! Pois sim! Quando ainda julga que a carta não é do meu primo...

bart.- Que seja dêle ou de outro, não estou pedindo explicações.

rosin.- APRESENTANDO-LHE A CARTA) Bem vê o senhor que, com bons modos, tudo se consegue de mim. Pode lê-la.

~~XXXXX~~.- BARTOLO - Ésse honrado proceder dissiparia todas as minhas suspeitas, se eu ainda tivesse a desgraça de alimenta-las.

rosin.- Lei-a, Senhor.

Bart.- (RETIRA-SE) Não permita Deus que eu te faça semelhante injúria!

rosin.- O sênhor me contraria, recusando-a.

bart.- Deves aceitar como um reparação esta prova de minhainteira confiança. Vou ver a pobre Marcelina, a quem ésse fíguro sangrou no pé, não sei por que motivo. Não vens comigo?

bart.- Já que a paz está feita, querida, dá-me a tua mão. Se me pudes-
-se amar, ah! como serias feliz!

Rosin.- (BAIXANDO OS OLHOS) Se o senhor me pudesse agradar, ah! como eu o amaria!

bart.- Eu te agradarei, oh! se te agradarei! vais ver só. (SAI)

rosina. (SOZINHA) (vendo-o sair) Ah! Lindo! ele diz que me agradará. Leiamos esta carta, que por pouco não me causou tamanho aborrecimento (LÊ EXCLAMA) Ah! li-a demasiado tarde: Ele me recorda que mantenha uma forte disputa com meu tutor; eu tinha uma tão boa e deixei-a escapar... Ao receber a carta, senti que enrubescia até o branco dos olhos. Ah! tem razão o meu tutor, muito longe estou de possuir essa experiencia mundana que, como ele diz, cinserva nas mulheres, em qualquer emergencia, o necessario sangue frio. Mas um homem injusto seria capaz de transformar na mais esperta criaturas a própria innocencia.

Bart.--(SÓ E DESOLADO)-- Que gênio! Que gênio! Ela parecia apaziguada...

Quem diabo lhe meteu na cabeça não mais tomar lições com Dom Basílio!? Sabe que êle está metido no nosso casamento...

(BATEM A PORTA) Faça-se tudo no mundo para agradar as mulheres! Se a gente omite um único ponto... um único ponto, digo eu...(BATEM A PORTA). Vejamos quem é!

cena 2

Conde--Que a paz e a alegria habitem sempre nesta casa!

Bart.--(BRUSCALENTE) Nunca uma saudação veio mais a propósito. Que quer?

conde--Senhor, eu sou Alonso, bacharel, licenciado...

bart.--Não tenho necessidade de preceptor.

conde--...aluno de Dom Basílio, organista do grande convento, que tem a honra de ensinar canto a senhora sua...

Bart.--Basílio! organista! que tem a honra! ja sei, je sei, vamos os fatos.

Conde--(A PARTE) Que homem!(ALTO)Um mal súbito que o força a guardar o leito...

bart.-- Guardar o leito! Basílio! Fêz bem em mandar avisar-me; vou vê-lo agora mesmo.

conde--(A PARTE) Diabo! (ALTO) Quando eu digo o leito, senhor, quero dizer o quarto...

Bart.--Ainda que fosse um leve incômodo...Vá adiante, que eu o sigo.

conde--(EMBARAÇADO) Senhor, eu estava encarregado...Será que ninguém nos ouve?

Bart.--(A PARTE) É algum patife. (ALTO) Oh! absolutamente, senhor misterioso! Fale sem atrapalhar-se, se puder.

conde--(A PARTE) Maldito venho!(ALTO) Dom Basílio me havia encarregado de comunicar-lhe...

bart.--Fale alto, sou surdo de um ouvido

conde--(ELEVANDO A VOZ) Ah! de bom grado!...Que o conde de Alnaviva que morava na praça grande...

bart.--(ALARMADO) Fale baixo, fale baixo..

conde--(MAIS ALTO)...mudou-se esta manhã. Como foi por mim que êle soube que o conde de Alnaviva...

bart.-- Mais baixo, fale baixo, peço-lhe

bart.-Mais baixo, fale baixo, peço-lhe.

Conde(NO MESMO TOM)-...estava nesta cidade, e como eu descobri que a senhora Rosina escreveu a êle...

bart.-"Escreveu a êle? Meu caro amigo, fale mais baixo, suplico-lhe.

Escute, sentemo-nos aqui e conversemos amigavelmente. Dizia o senhor ter descoberto que Rosina...

conde-(ALTIVAMENTE) Sem sombra de dúvida. Basílio, inquieto, por causa do senhor, com essa correspondência, pediu-me que lhe mostrasse a carta dela. Mas, da maneira como o senhor toma as coisas...

bart.-Oh! Meu Deus! Tu as tomo muito bem. Mas não lhe seria possível falar mais baixo?

Conde-Como o senhor me disse que era surdo de um ouvido...

bast.-Perdão, senhor "lonso, se me achou desconfiado e áspero. Mas vivo tão certado de intrigantes, de armadilhas...E além disso, o seu porte, a sua idade, o seu ar...Perdão. Trz o senhor a carta?

conde-Assim, sim meu caro senhor! Mas temo que nos estejam escutando...

bart.-Não crio. Com todos os meus criados mais mortos que vivos!

Rosina trancada de raiva! Decididamente, o diabo entrou-me em casa. Vou certificar-me, contudo...(VAI ENTREABRIR SUAVEMENTE A PORTA DE ROSINA.)

conde-(A PARTE) Meti os pés pelas mãos, por puro despeito...Agora, como guardar a carta? Terei de fugir: seria melhor não ter vindo...Mostrar a carta a êle...Se eu pudesse prevenir Rosina seria um golpe de mestre.

bart.-(VOLTA NA PONTA DOS PÉS) Está sentada junto á janéla, de costas voltada para a porta, ocupada em relêr uma carta de seu primo oficial, a qual eu tinha aberto...Vejam os agora a sua.

conde(ENTREGA-LHE A CARTA DE ROSINA) Ei-la!(A PARTE) É a minha carta que ela está relêndo.

bart.-(LENDO) "Desde que o senhor me revelou seu nome e condição.."

ah! a pérfido, é mesmo a letra dela!

conde-(ALARMADO) Fale mais baixo, por sua vez.

bart.-Que favor lhe devo meu caro!...

conde-Quando tudo estiver ababado, se julgar que me deves, faça o que melhor lhe pareça... (conforme o que Don Basílio vem tratando com um advogado...

bart.-Com um advogado, para o meu casamento?

conde-Lógico. Encarregou-me êle de lhe dizer que tudo pode ficar pronto para amanhã. Se ela então resistir...

bart.-Resistirá!

conde-(QUER RECUPERAR A CARTA, BARTOLO SEGURA COM FÔRÇA) Eis aí o instante em que posso ser útil. Nos mostraremos a ela a sua própria carta e, se fôr preciso (MAIS MISTERIOSAMENTE), irei ao ponto de lhe dizer que a obtive de uma mulher a quem o conde a sacrificara. Bem compreende o senhor que a perturbação, a vergonha, o despeito, podem leva-la no mesmo instante a...

bart.-(RINDO) Oh! A calúnia! Bem vejo, meu caro amigo, que o senhor vem da parte de Basílio... Mas, para que não pareça combinação, não seria melhor que ela o conhecesse antes?

conde-(REPRIME UM GESTO DE ALEGRIA) Era também a opinião de Don Basílio. Mas como fazer? É tão tarde... Pelo tempo que nos resta...

bart.-Direi que o senhor veio substituí-lo. Não é capaz de dar uma lição de canto em seu lugar?

conde-Não há nada que eu não possa fazer para lhe ser agradável. Mas olhe que essas histórias de pretensos mestres são velhas artimanhas, truques de comédias; e se ela desconfiar?...

bart.-Apresentado por mim? De que jeito? O senhor mais parece um pretendente disfarçado que um amigo servicial.

conde-Ah! Sim? Acha o senhor que o meu aspecto pode influir nesta comédia?

Bart.-Duvido que o mais finório suspeite o que quer que seja. Ela está hoje de um gênio terrível. Mas, ainda que apenas se limitasse a vê-lo... O cravo está aqui perto, no salão de música. Divirta-se enquanto espera: Vou fazer o impossível para trazê-la.

conde- Evite falar na carta.

bart.- Antes do momento decisivo? Perderia o efeito. Não preciso que me digam duas vezes as coisas, não preciso que me digam duas vezes (RETIRA-SE)

CENA 3

33

conde-(SÓZINHO) Estou salvo. Uf! Que homem difícil de dobrar! Fígaro bem o conhece. Eu sentia que estava mentindo, o que me dava um ar estúpido e embaraçado; e êle tem uns olhos de lince!...

Palavra, se não fôra a subta inspiração da carta, confesso que seria posto na rua como um tolo. Céus! Estão brigando lá dentro. Se ela teimasse em não vir!. Escutemos... Recusa-se a sair do quarto: está perdido o meu trabalho!(TORN. A ESCUTAR) Já vem ela. Não nos mostremos a principio.(entra para o salão de música)

CENA 4

Rosina-(COM SIMULADA CÓLERA) É inutil tudo o que me disser. Já torei o meu partido, não quero mais ouvir falar de música.

bart.- Mas escuta filha. É o senhor Alonso, aluno e amigo de Dom Basílio, por êle escolhido para ser uma de nossas testemunhas. A música te há de amlamar, asseguro-te.

Rosina-Oh! quanto a isso pôde desenganar-se, que eu hoje não canto!... Onde está então esse mestre, que o senhor reccia mandar embora. Em duas palavras, vou ajustar de contas com êle e com Basílio.
(AVISTA O NENO ADO. SOLTA UM GRITO) AH!

bart.- Que tens

Rosina-(MUITO PERTURBADA COM AS MÃOS NO CORAÇÃO) Oh! Meu Deus!...
Senhor...Oh! Meu Deus!

bart.-Ele ainda se sente mal... senhor Alonso!

Rosina-Não, não me sinto mal... mas é que virando-me...Ah!

conde- Torceu o pé minha senhora?

rosina-Ah! sim, é isso mesmo torci o pé. Doi-me horivelmente.

conde.- Bem que o percebi

Rosina(FITANDO-O)-A dor chegou-me até o coração.

bart.-Uma cadeira, uma cadeira! E nem uma poltrona aqui!(VAI PROCURAR)

conde-Ah! Rosina!

rosina- Mas que imprudência!

conde- Tenho mil coisa importantíssimas a dizêr-lhe.

rosina-Êle não nos deixará.

conde- Fígaro va vir para ajudar-nos

bart.-(TRAZ UMA POLTRONA) Aqui está, minha querida, assenta-te. Estou vendo, bacharel, que ela não dará lição hoje. Fica para amanhã...

rosina-(AO CONDE) Não, espere. A dor já passou um bocadinho. (A BART.)

Reconheço que não estava com a razão, senhor, e quero dar-lhe imediata satisfação, começando...

bart.-Oh! Que bom gênio de mulher! Mas, depois de tal comocão, minha filha, não permitirei que faças o mínimo esforço. Adeus, adeus, senhor bacharel.

rosina-(AO CONDE) Um momento, por favor! (A BARTOLO) Assim ficarei pensando, senhor, que não me quer ser agradável, impedindo-me que lhe prove o meu arrependimento.

conde-(À PARTE, A BARTOLO) Não devemos contrariá-la, creia-me.

bart.-Não haja mais dúvida, meu benzinho. Tão longe estou de querer desagradar-te, que vou ficar aqui durante toda a lição.

rosina-(A PARTE) Ô velho chato (ALTO) Oh! Não: sei que a música não tem atrativos para o senhor.

bart.-Asseguro-te que hoje me encantará!

rosina-(AO CONDE A PARTE) Que suplicio!

conde-(TOMANDO UMA MÚSICA DE ESTANTE) É isto que deseja cantar, minha senhora?

Rosina-Sim é um trecho muito agradável da PRECAUÇÃO INUTIL.

bart.-Sempre a Precaução Inutil!

conde- É o que há de mais moderno hoje em dia. É uma imagem da primavera, de gênero bastante vivo. Se quiser ensaiar, minha senhora...

rosina-(FITANDO O CONDE) Com o máximo prazer: um quadro da primavera arrebata-me; é a juventude da natureza. Ao sair do inverno, parece que o coração adquire um grau mais alto de sensibilidade como um escravo de há muito encarcerado, goza com mais prazer o encanto da liberdade que se lhe oferece.

bart.-(BAIXO AO CONDE) Sempre com essas idéias romanescas na cabeça.

conde-(BAIXO) E o senhor lhes sente o efeito?

bart.- Pudera. (VAI SENTAR-SE NA CADEIRA QUE ROSINA OCUPAVA)

ROSINA (CANTA)

I
Quando os amôres
Trazem aos prados
A Primavera,
São tudo ardores,
Tudo efusões
Ô doce era
Dos namorados!
Brotam as flores
E os corações

Por esses campos reflorescidos,
enchendo o ar,
Com seus balidos,
Vêm os cordeiros a saltitar
Tudo parece
Que vibra e cresce
Num esplendor.
A ovelha pasce
A flor que nasce
Enquanto ao lado
O cão atento
Vigia o gado
Do seu partor.
Nesse momento
O bom Lindor,
Na pena infinda
Em que definha,
Sómente cuida em ser amado
Por sua linda pastorinha.

II

Longe da mãe, a pastorinha
Tão sozinha,
Vai andando
Vai cantando,
Aonde a espera o seu amigo,
Inutil pena, cuidado vão!
Quando é que foi que uma canção
Salvou alguém de algum perigo?
A suave frauta do pastor,
Dos passarinhos os cantos,
Os novos, doces entantos
Dos seus quinze anos em flôr,
Tudo a exita,
Tudo a agita,
Como a coitada parece aflita!
Do seu retiro, Lindor a espia.
A pobre avança
Lindor se lança
E dá-lhe um beijo, a revelia,
Ela, gostando, quase sem fala,
Finge no entanto que se arrelia
Para que ele venha aclama-la.

III

Os suspiros, as promessas,
As carícias mais arteiras,
Tudo isso, todas essas
Amorosas brincadeiras
Entram logo com seu jôgo.
Ela, de faces em fogo,
Já não sente raiva alguma
E se algum ciumento, em suma,
Vem espiar-lhes a ventura,
Cada qual então procura
Fingir que tudo é inocente,
Que tudo se pode ver...
Mas quando em verdade a gente
Por esse modo se ama,
Dá tudo mais força à chama
E o susto aumenta o prazer.

(BARTOLO OUVINDO-A ADORMECE, CONDE APROVEITA E TIRA UMAS CASCAS
Ao FINAL A VOZ DE ROSINA VAI BAIXANDO DE ~~XXXXXXXXXXXX~~ VOLUME
ACORDANDO BARTOLO, O CONDE ERGUE-SE E ROSINA RETOMA SEBTAMENTE A PEÇA)
Conde-

Na verdade é um trecho encantador. E a senhora o executa com
uma inteligência...

rosina-Bondade sua, meu senhor; a glória pertence tôda ao mestre.

bart.--(BOCEJANDO) Quanto a mim, creio que dormi um pouco durante o trecho encentador. Vou, venho, giro e, logo que me sento, as minhas pobres pernas... (LEVANTA-SE E EMPURRA A POLTRONA)

conde- Aproveitemos o tempo.

bartolo- Mas eu já disse a êsse velho Basílio, senhor bacharel: não haverá meio de fazê-la estudar coisas mais alêgres do que tôdas essas grandes árias que sobem, descem, arrastan-se, hi, ho, a, a, a, e que me parecem uns verdadeiros enterros. Onde aquelas músicas de meus tempos de moço, que a gente retinha tão facilmente? Tu sabia algumas... Por exemplo...

(DURANTE O RITORNELLO, PROCURA LEMBRAR-SE E CANTA, ESTALANDO OS DEDOS E DANÇANDO COM OS JOELHOS, COMO OS VELHOS.)

Não queres Rosina,
Ligar tua sina
À flor dos maridos?

(AO CONDE RINDO) Na canção esta Marina, mas eu pus Rosina.

Fica mais bonito e mais adequado às circunstâncias Ah, ah, ah
Muito bem não é?

conde-(RINDO) Ah! ah! ah! Esplêndido!

CENA 5

FÍGARO ENTRANDO AO FUNDO. (IMITA-O, NA DANÇA)

Bartolo (CANTANDO) Não queres Rosina
Ligartua sina
À flor dos maridos?
Adonis não sou.
No entanto no escuro,
Em certos sentidos,
Figuro um bocado.
Pois todos os gatos,
Lá diz o ditado,
De noite são pardos

(REPETE O ESTREBILHO)

(AVISTANDO FÍGARO, COMO UM FURACÃO DE RAIVA)

Bart.--(IRÔNICO) Ah! Entre, senhor barbeiro, não faça cerimônia, o senhor é um encanto!

fígaro-É verdade, senhor, que minha mãe sempre dizia isso, antigamente
Mas o fato é que desde então fiquei um pouco desfigurado.

(A PARTE AO CONDE) Bravos, Excelência!

9 (DURANTE A CENA TÔDA, O CONDE TENTA FALAR COM ROSINA, PORÉM O OLHAR VIGILANTE DE BARTOLO O IMPEDIR SEMPRE, O QUE FORMA UM JOGO MUDO ENTRE OS ATORES, ESTRANHOS AO DIÁLOGO ENTRE BARTOLO E FÍGARO.)

bart.- Vem outra vez purgar, sangrar, droguar, meter tôda a casa na cara?

figaro-Senhor, nem todos os dias são de festas Mas, sem contar os cuidados cotidianos, bem sabe o senhor que em caso de necessidade, o meu cuidado não aguarda ordens.

bart.-Ah! com que então o seu cuidado não aguarda ordens? E que dirá o senhor cuidadoso, a esse infeliz que boceja e dorme em pé? E ao outro que a três horas espirra sem parar quase estourando o crânio e fazendo saltar os miolos! Que dirá do senhor?!

figar.

bsst.- Que lhes direi?

bart.- Sir!

figar- Direi... Ora direi...Direi ao que espirra...(DEUS TE CRIE)... e ao que boceja vai dormir...Não é isso que vai aumentar a conta

bart.-Isso não, mas a sangria e as drogas, se eu estivesse pêlo coisa Foi tambem por cuidado que emplastrou os olhos da mula? E a cataplasma lhe restituirá a vista?

figaro- Se não lhe restitui, tabém não é isso que o impedirá de ver...

Bart.- Ah! Se me aparecer na conta!...Nessa não caio eu!

figaro-Não tendo os homens a escolher senão a tolice ou a locura, onçe não encontro proveiro quero ao menos encontrar prazer;... e viva a alegria! Quem sabe lá se o mundo ainda vai durar três semanas!

bart.- Melhor seria, senhor discursador, que pagasse meus cem escudos e os juros, sem conversa fiada. Estou avisando.

figaro-Duvida acaso da minha probidade, senhor? Os seus cem escudos?! ...Prefiro deve-lo tôda a vida do que nega-lo um só instante.

bart.- E diga-me uma coisa: a sua filhinha gostou dos bombons que o senhor lhe levou?

figar.- Que bombons? Que quer dizer senhor?

bart.-Ora! Aquêles bombons, naquele cartuxo feito com aquela fôlha de papel de cartas, esta manhã

figar-O diabo me garregue se...

Rosina(INTER OMPENDO-0)Mas ao menos teve o cuidado de lhos entregar da minha parte, senhor, figaro, como eu o recomendei?

Fígaro-AH! os bombons! Sim! os bombons(DISEFARSA) Os bombons desta manhã! Pois não é que me havia esquecido completamente! Oh! excelentes, minha senhora, admiráveis.

bart.- Excelentes! Admiráveis! Sim, sem dúvida, senhor barbeiro, mas emende a mão! Que belo ofício foi arranjar o senhor!

fígaro-Que há, meu senhor?

Bart.-Um ofício que lhe dará uma bela reputação, senhor!

fígaro-Eu a sustentarei!

bart.- Diga antes que a suportará!

fígar-(REFLETINDO) Pois, como queira, senhor!

bart.-Não me venha com esses ares! Fique sabendo que, quando discuto com um tolo, não lhe cedo nunca.

fígar-(VIRANDO-LHE AS COSTAS) É aí que está a nossa diferença, senhor! Pois eu lhe cedo sempre.

bart.-Hein? Que é que êle está dizendo, bacharel?

Fígar-Será que o senhor pensa estar tratando com qualquer barbeiro de aldeia, que só sabe manejar uma navalha? Pois fique o senhor sabendo que eu manejava uma caneta em Madrid, quando eu era... (ENROLA) e que se não fossem os invejosos...

Bart.-É por que é que não ficou por lá, em vez de vir trocar de profissão aqui?

fígar.- A gente faz como pode; coloque-se em meu lugar.

bart.- Colocar-me em seu lugar?! Belas tolices diria eu?

fígar- E não começa mal, senhor. Pergunte ao seu confrade que ali está cismando...

conde(VOLTANDO A SÍ)Eu...eu não seu confrade, do Doutor.

fígar.-Ah! Pois quando vi os dois aqui a conferenciarem, julguei que tinham o mesmo objetivo.

bart.-(ENCOLERIZADO) Afinal, que assunto o traz aqui? Mais outra carta para entrar a senhora? Devo retirar-me, então?

fígar- Que jeito de tratar os pobres! Ora meu caro senhor: eu venho barbeá-lo, nada mais. Não é hoje o seu dia?

bart.-Volte depois

Fígar-Pois sim, voltar! Tenho uma guarnição inteira a medicar amanhã de manhã. Disso tenho eu o privilégio, graças aos meus padrinhos. como vê não disponho de tempo. Queira ter a bondade de passar para os seus aposentos...

bart.-Não, não quero ter a bondade coisa nenhuma. E por que diabo não posso fazer a barba aqui mesmo?

Fígar- Uf! velho chato (ISTO A PARTE)

Rosina(DESDENHOSAMENTE) E por que não nos meus aposentos, senhor?

bart.-Estás incomodada? Perdão, minha filha, vai terminar tua lição!

É que eu não queria perder um único instante o prazer de ouvirte

Fígaro(BAIXO AO CONDE) Daqui ninguém o tira! (ALTO) Esperto, Moco andem! a bacia, a toalha, a água, tudo o que é preciso.

bart.- Pois chame-os, chame-os agora! Do jeito como os deixou, exaustos, derreados, moídos, tiveram de ir para a cama!

fígaro-Eu vou buscar tudo, então. No seu quarto, não é? (BAIXO AO CONDE) Vou atraí-lo para fora.(ou deixa comigo)

BARTOLO RETIRA O MOLHO DE CHAVES E DIZ REFLETINDO) Não, não, vou eu mesmo.(BAIXO AO CONDE)Não despegue os olhos dêle.

CENA VI

fígaro-Bela oportunidade perdemos! Ele ia dar-me o molho.Não está ali a chave da janela?

rosina- É a mais nova de todas.

CENA VII

bart.--(VOLTANDO)- (a parte) Que besteira ia fazendo! Deixar aqui esse valdito barbeiro.(A FÍGARO) Tome vá o senhor mesmo.

(ENTREGA-LHE O MOLHO DE CHAVES) No gabinete, embaixo da escrevaninha. não me toque em nada.

fígar- Pudera! Com essa sua desconfiança...(A PARTE) Vêja como o céu protege a inocência!

CENA 8

bart.--(BAIXO AO CONDE) É o tal que levou a carta ao conde.

conde- Baixo) Tem mesmo cara de patife.

bart.--(BAIXO)Mas noutra é que eu não caio.

conde--(BAIXO) O pior já foi feito.

bart.--(BAIXO) Pensando bem, achei mais prudente enviá-lo ao meu quarto que deixa-lo aqui com ela.

conde-(BAIXO) Êhes não diriam palavra que eu não ouvisse.

rosina-Sin senhôres! Cochichando...Muito delicado isso. E a minha lição afinal?

(OUVE-SE UM RUÍDO DE LOUÇA PARTIDA.)

bartolo-(BRADANDO) Meu Deus! a peste do barbeiro deixou cair tudo escada abaixo! Mas tais belas peças do meu serviço!...(SAI)

CENA 9

Conde-Aproveiteiros êste momento que a esperteza de Fígaro nos proporciona. Conceda-me hoje a noite um minuto. É absolutamente necessário que eu lhe fale, senhora, para afasta-la da escravidão em que vai cair.

~~XXXXX~~ ROSINA- Ah! Lindor!

conde- Posso subir a janéla. E, quanto a carta que recebi esta manhã ví-me forçado a...

CENA 10

Bart.--(ENTRANDO) Eu não sisse? Tudo despedaçado, tudo em cacos!

fígaro-Tanto barulho por tão pouca coisa! Não se enxada coisa alguma! (MOSTRA AO CONDE, NO MOLHO, A CHAVE DA JANELA) De modo que eu ia subindo e prendi esta chave...

bart.-Que jeito de fazer as coisas! Prender uma chave...Como? Que sujeito idiota!

fígaro-Pois arranje outro mais esperto.

CENA 11

(ENTRA DOM BASÍLIO)

Rosina-(A PARTE ALARMADA) Dom basílio!...

Conde-(A PARTE) Diabo!

bart.--(INDO AO SEU ENCONTRO) Basílio, meu amigo! Bons olhos o vejam! Já restabelecido, hein? Como então o acidente não teve maiores consequencias? E o senhor Alonso que me deixou tão alarmado! Pergunte a êle, eu ja ia saindo para visita-lo, se êle não me houvesse retido...

Basílio-(ATÔNITO) O senhor Alonso?...

Fígaro-(BATENDO COM O PÉ) (A parte) Mais êsse estorvo, agora? Duas horas inteiras para fazer uma simples barba...Maldito officio fui escolher!

Basílio(OLHANDO PARA TODOS- Mas não poderiam explicar-me,...

Fígaro- Agora não dá para explicar nada, o senhor pode conversar a vontade mas só depois que eu tiver saído? (A PARTE) E estiver bem jongé)

Basílio- Mas em todo caso, é preciso...

Conde.- O que é preciso é que o senhor se cale. Julga que pode dizer ao senhor Bartolo alguma coisa que êle já não saiba? Conte-lhe que o senhor me encarregara de vir dar hoje a lição de canto, em seu lugar.

Basílio-(AINDA MAIS ESPANTADO) Lição de canto? Alonso?

Rosina-(A PARTE A BASÍLIO)- Cale-se.

Basílio- Também ela?

conde(BAIXO A BARTOLO) Diga-lhe a parte que nos estamos combinados.

Bart.- (A BASÍLIO A PARTE) Não nos desminta, basílio, dizendo que êle não é seu aluno. Poria tudo a perder.

Basílio- Hum! Huum!

bart.- Na verdade, dom Basílio, é um verdadeiro talento o seu aluno.

basílio(ESTUPEFATO)- O meu aluno...?! (BAIXO) Tu vinha para lhe dizer que o conde se mudou

bart.- (BAIXO) Já sei, cale-se.

basílio-(BAIXO) Quem foi que lhe disse?

bart.- (BAIXO) Êle.

Conde-(BAIXO A BASÍLIO) Eu, esta bom! Limite-se a escutar.

Rosina-(BAIXO A BASÍLIO) É-lhe tão difícil não dizer nada, senhor?

Basílio-(EXPLODINDO) Eu quero saber...

Fígaro(PUXANDO-O) Cale-se, seu trapalhão! E de resto, êle é surdo

Basílio-(A PARTE) Mas quem está enganando quem aqui? Parece que estão todos combinados?

Bart.- (ALTO) E então basílio? Êsse seu advogado...

fígaro-O SENHOR TEM A NOITE INTEIRA PARA FALAR DO ADVOGADO.

Bart.- (A BASÍLIO) Diga-me ao menos se está satisfeito com o advogado...

basílio(ATÔNITO)- Com o advogado?

conde(SOBRINDO)- O senhor não falou com o advogado??

Basílio(IMPACIENTE) Eu? Eu não falei com advogado nenhum!

Conde(BAIXO A BARTOLO) Quer então o senhor que êle se explique aqui diante dela? Mande-o embora.

bart.- (BAIXO AO CONDE)- Tem razão. (A BASÍLIO) Mas que mal súbito foi esse que lhe deu, Dom Basílio?

basílio-(ENCOLETRIZADO) Não sei a que se refere, senhor!

conde-(AS TSCONDIDAS) (DÁ-LHE UMA BOLSA DE GRANA) Êle esta perguntando,
o que faz aqui, indisposto como se acha, cr' vez de...

figaro-O pobre está branco como um defunto!

basílio-Ah! compreendo...

conde- Vá deitar-se, caro dom Basílio: o senhor não está nada bem
e nos enche de cuidados...Vá deitar-se.

figaro-Como êle está desfigurado! Corra pra cara seu Basílio.

bart.-Palavra! Sente-se de longe que êle está com febre.

Rosina-Per que saiu de casa? Dizer que isso é contagioso. Vá deitar-se

Basílio-NO AUGÉ DO ESPANTO) que eu me vá deitar?

TODOS AO MESMO TEMPO- Isso mesmo.(EM CÔRO)

Basílio-(ENCARANDO A TODOS) Na verdade, senhoras, creio que faço bem
em retirar-me. Não me sinto em meu perfeito juízo, aqui.

Bartolo-Então, até amanhã, Dom Basílio, se estiver melhor.

conde-Eu estarei cedinho em sua casa, Dom Basílio.

figaro-Siga meu consêlho: cubra-se bem na cama, e não saia de lá por
dois dias.

Rosina- Boa noite senhor Basílio.

Basílio(A PARTE)Diabo me carregue! Se estou compreendendo alguma
coisa; e se não fôsse esta bolsa...

TODOS (EM CÔRO) Boa noite, Dom Basílio, Boa noite.

Basílio- Pois bem! Então, Boa noite, Boa noite!

(TODOS O ACOMPANHAM, RINDO, ATÉ A PORTA)

CENA 12

Bart.- (NUM TOM IMPORTANTE)Êsse homem não está nada bem.

Rosina- Tinha um olhar desvairado.

Conde- Decerto apanhou algum ar.

figaro- Repararam como falava sózinho? Que será de nos? (A BARTOLO)

Até que enfim vou poder fazer a sua barba! (EMPURRA-LHE A

POLTRONA PARA BEI LONGE DO CONDE E APRESENTA-LHE A TOALHA)

Conde-Antes de terminar, ~~xxx~~ minha senhora, devo dizer uma coisa

essencial ao progresso da arte que tenho a honra de ensinar-lhe

(APROXIMA-SE A FALA-LHE BAIXO AO OUVIDO)

(DURANTE ESTA CENA FIGARO IMPETE A QUALQUER CUSTO QUE BARTOLO
CONSIGA VER OS DOIS)

Bart. (A FÍGARO) Até parece de propósito! O senhor se mete na minha frente para impedir-me de ver...

fígaro.- Que eu? Imagina! (FAZ SINAL AO CONDE PARA LARGAR BRASA)

Conde- Temos a chave da janéla. Estaremos aqui a meia noite.

bart.- Mas não posso ver nada!

Fígaro-(QUE AMARRARA A TOALHA MAL POSTA AO PESCOÇO) Mas ver o que?

Ainda se fôsse uma lição de dança... mas canto!... Ui, ui, ui!

Bart.-Que que há?

fígaro- Me acudar, meu Deus!

bart.- Diga homem de Deus!?

fígaro- Alguma coisa entrou no meu olho... (APROXIMA A CABEÇA)

bart.- Não esfregue.

fígaro-É no olho esquerdo. Faça-me o favor de assoprar...

BARTOLO TOMA ENTRE AS MÃOS A CABEÇA DE FÍGARO, OLHA POR CIMA, AFASTA-O VIOLENTAMENTE E VAI PARA DE TRÁS DOS NAMORADOS, A ESCUTAR O QUE DIZEM, SEM QUE ELES O VEJAM) (FÍGARO, DE LONGE, TORSE AVISANDO)

Conde (BAIXO SEM SE APERCEBER) E quanto a sua carta, vi-me a pouco em tal embaraço, que para não sair daqui...

Fígaro(DE LONGE TOSSO) Hum! Hum!

conde-Aborrecido com a inutilidade do meu disfarce, eu então...

Bart-(PASSANDO ENTRE OS DOIS) A inutilidade do seu disfarce!

rosina- Oh!

Fígaro- E agora...

Bartolo-(ENCOLERIZADO) Muito bem, senhora, não se incomode. Com que então, na minha casa, na minha cara, atreven-se a ultrajar-me dessa maneira!

Conde- Mas que te o senhor?

bart.- Maldito Alonso!

Conde- Senhor Bartolo, se lhe dão sempre esses acessos, não me admira nada a relutância da senhorita em se tornar sua esposa.

Rosina- Sua espôsa! Eu? Passar a vida junto de um velho ciumento e que, por tôda a felicidade, só oferece a minha juventude uma abominavel escravidão!

Bartolo- Que Ouço!!!!

Rosina- O que digo, é bem alto: dei meu coração e minha mão a aquele
que me arrancar desta horrível prisão, onde minha pessoa e
meus bens se acham retidos contra tôdas as leis do mundo.
(RETIRA-SE)

cena 13

Bart.- A cólera me sufoca.

Conde- Com efeito, senhor, é natural que uma mulher roça...

fígaro-Sim, mulher roça e idade avançada, isso é que alucina os velhos

BART.-(BRADANDO) Eu os matarei!

fígaro- Vou dar no pé,... êle está louco

conde- E eu tambem. Está louco, palavra!

fígaro-Louco, louco... (A TEM CORRENDO)

BART.(SÓZILHO)- Estou louco, hein? Infames subornadores! emissários
do diabo! Estou louco! Pois se os ví com meus próprios olhos...
E ainda me enfrentam descaradamente!... Ah! Só basílio poderá
explicar-me isso direitinho. Mandarei chama-lo agora mesmo.
Ola! que venha alguém... Ah! esquecia-me de que não disponho de
ninguém em casa... Um visinho, o primeiro que eu encontrar, não
importa... É de perder o juizo!

Q U A R T O A T O

PRIMEIRA CENA- (BARTOLO E DOM BASÍLIO , este com uma lanterna na mão,
AS LUZES DA SALA ACHAM-SE APAGADAS.

bart.- Como, Basílio, não o conhece! Sera possivel o que me está dizendo?

basílio- Mil vezes que o senhor me interrogasse, eu sempre lhe daria
a mesma resposta. Se êle lhe entregou a carta de Rosina, é
de certo um dos emissários do conde. Mas pelo presente que
me fêz, bem poderia ser o próprio conde.

bart.- A propósito, Basílio, por que o aceitou?

basílio- O senhor e êle tinham um ar de cúmplices... palavra que não
estava entendendo nada... e uma bolsa de ouro sempre me
pareceu um argumento irrefutavel. E depois como diz o ditado
o que é bom de tomar

bart.- Compreendo, é bom

basílio- de Guardar.

bart.-(SURPRESO) Oh! oh!

basíl.- Pois é, arranjei assim vários proverbiosinhos com variações...

Nas vanos aos fatos: Qual é a sua decisão?

Bart.- No meu lugar, não faria o senhor o impossível para possuí-la?

basíl.- Palavra que não, doutor. Em tôda espécie de bens, possuir não é nada: Desfruta-los é que nos torna felizes. Minha opinião é que desposar uma mulher por quem não se é amado, é expor-se...

bart.- Aceiso o senhor ter certos acidentes?

basíl.- Ah! meu caro doutor... temo-los visto as dúzias êste ano...

Acredite-me, eu não violentaria o coração da moça.

bart.- Temos conversado, Dom Basílio. Acho preferível que ela chore por estar comigo a que eu morra por não estar com ela.

basíl.- Bem, se é umaquetão de vida ou de morte, case-se.

bart.- Assim o farei, e nesta mesma noite.

basíl.- Adeus, então. E não se esqueça: quando falar com a pupila, carregue nas tintas. Faça-os a todos mais negros que o diabo.

bart.- Tem razão.

basíl.- A calúnia, doutor, a calúnia! Nunca esquecer a calúnia...

bart.- Eis aqui a carta de Rosina que o tal Alonso me entregou. Ele, sem querer, mostrou-me como devo utiliza-la junto a menina.

basíl.- Adeus; estaremos todos aqui as quatro horas.

bart.- E por que não mais cedo?

basíl.- Impossível: o notário está ocupado.

bart.- Nalgum casamento?

basíl.- Sim, em casa do barbeiro fíguro; é a sobrinha dêle que se casa

bart.- Mas como se êle não tem sobrinha?

basíl.- Pelo menos foi o que disseram ao notário...

bart.- Vão ver que esse pulha entrou nalguma combinação!

basíl.- Julga o senhor que...

bart.- Com aquêles espertalhões, nada é de duvidar! Ouça, meu amigo, não estou sossegado. Volte ao Notário, e graga-o aqui imediatamente.

basíl.- Está chovendo, faz um tempo dos diabos, mas nada me deter, para servi-lo. Que está fazendo o senhor?

bart.- Vou acompanhá-lo até a porta: Pois não mandaram êsse fíguro estropiar toda minha gente? Estou sózinho aqui.

basílio- Tenho a minha lanterna.

bart.- Aqui está a chave da porta, Dom Basílio. Fico a sua espera, acordado. Venha quem vier, ninguém estrará aqui esta noite a não serx o notário e o senhor.

basíle Com tais precauções, está assegurado o seu triunfo.

CENA 2

Rosina(SOZINHA, SAINDO DE SEU QUERTO) Pareceu-me ter ouvido alguem falar. Já bateu meia-noite. E Linder não vem! Mas até esse mau tempo lhe é favoravel. Assim não encontrará ninguém pelo caminho Ah! Linder! , se me traiste! Mas que ruido é esse? Jesus é meu tutor. Voltemos.

Bart.- ENTRA COM A LUZ) Ah! Rosina, visto que ainda não te recolheste...

rosina- Eu vou para o quarto.

bart.- Com esse medonho tempo que faz, não poderias dormir sossegada, e eu tenho coisas muito urgentes para te dizer.

Rosina-Que quer de mim senhor? Já não basta atormentar-me durante o dia?

bart.- Rosina, escuta-me

rosin- Amanhã o escutarei.

bart.- Um momento por favor.

rosina(A PARTE) E se êle chegasse agora, meu Deus!

bart(MOSTRANDO-LHE A CARTA) Conheces a letra?

Rosina- Reconhecendo) Oh! Meu Deus!

bart.- Minhe intenção Rosina, não é fazer-te censuras: na tua idade, é facil a gente se transviar...Mas sou teu amigo, escuta-me.

rosina- Não posso mais.

bart.-Esta carta que escreveste ao Conde de Almaviva...

rosina(ATÔNITA) Ao conde de Almaviva?

bart.-VÊ tu que espécie de homem é esse conde: logo que a recebeu de ti, fêz dela um troféu. Obteve-a de uma mulher a quem êle a deu, em sacrificio.

Rosina- O conde de Almaviva!...

bart.- Bem sinto que te custa creer em semelhante infâmia. A inexperi-

-ência, Rosina, torna o teu sexo confiante e crédulo; mas é bom que saibas a cilada que te armavam. A tal mulher mandou-me avisar de tudo, decerto para afastar uma rival tão perigosa como tu. A mais igno bil das conspirações, entre Almaviva, figaro e Alonso, esse pretense aluno de Basílio, que tem outro nome e nao é mais que um vil agente

do conde, ia arrastar-te para um abismo de que nada poderia te salvar.

Rosin.- (ABABRUNHADA) Que Horror! Como ! Lindor!...ôsse joven...

bart.- (À PARTE) Ah! Chama-se Lindor.

Rosina- Era tudo pelo conde de Alnaviva... tudo para servir a um terceiro...

bart.- Foi o que me disseram ao entregar-me a ~~XXX~~^{TUA} carta.

rosin.- (NO AUGE DO DESESPERO) Ah! Que baixeza!... Ele será punido. O senhor queria casar-se comigo, não?

bart.- Bem conheces a força de meus sentimentos.

rosina- Se ainda lhe resta um pouco, sou inteiramente sua.

bart.- Pois bem o notário vai vir esta noite mesmo.

rosin.- E ainda não é tudo... Oh! meu Deus! que humilhação a minha!...

Saiba o senhor que dentro em pouco o Pérfido ousará entrar por esta janela, de que tiveram a habilidade de lhe roubar a chave.

bart.- (EXAMINANDO O MOLHO DE CHAVE) Bandidos! Calçados! Minha filha, eu não te largo mais.

rosina- (AMEDRONTADA) E se eles vierem arrados, senhor?

bart.- Tens razão: Tu perderias a minha vingança. Sobe ao quarto de Marcelina: fecha-te lá com duas voltas de chave. Vou chamar a polícia. Será prêso como ladrão, e assim teremos o prazer de nos vermos ao mesmo tempo vingados e livres d'êle! E podes estar certa de que o meu amor saberá compensar-te...

Rosina (DESESPERADA) Peço-lhe apenas que esqueça o meu erro. (À PARTE)

Ah! Tu própria já me castigues bastante.

bart.- (RETIRANDO-SE) Vamo-nos pôr de emboscada. Ah! Afinal é rinha!

rosina (SOZINHA) O seu amor saberá compensar-me... Desgraçada de mim!...

(TIRA O LENÇO E ABANDONA-SE AO PRANTO) Que fazer? Ele vai chegar.

Quero ficar a qui e dissimular com êle, para o contemplar um momento em toda a sua hadiondez. A baixeza de seu procedimento me servira de

defeza... Ah! Aquêle nobre aspecto! Aquela expressão tão meiga!...

E não passa do vil intermediário de um sedutor!... Meu Deus! Estão abrindo a janéla. (FOGE)

Fígero- (Involto numa capa, aparece à janela, e rrumura de fora)

-Alguem fugiu!... Entrô?

Conde (DE FORA) Um homem?

fígero- Não.

Conde- Vai vêr que Rosinha se assustou com a tua cara.

fígaro.- (SALTA PARA DENTRO DA SALA) Não duvido...enfim cá estamos apesar da chuva, dos raios e dos trovões.

Conde.- (ENVOLTO NUMA CAPA) Dá-me a mão. A vitória é nossa.

fígaro (DESPINDO A CAPA) Estou molhado que nem um pinto. Belo tempo esse pra fazer aventuras! Que lhe parece esta noite Excia.

conde- Soberba para um apaixonado.

fígaro-Sim, mas para um confidente...E se alguém nos apanhasse aqui?

conde-Calma que estas comigo. Minha preocupação é outra. preciso decidi-la a deixar esta casa imediatamente.

fígaro-O senhor, conta com três poderosos auxiliares sôbre o belo sexo: a paixão, o ódio, e o temor.

conde- Mas como anunciar-lhe que o notário nos espera em sua casa para casar-nos. Talvez me ache um pouco ousado, diria ainda que é capaz de chamar-me de atrevido.

fígaro- Se ela o chamar de atrevido chame-a de cruel. As mulheres gostam que a chamem de cruéis. Além disso se o amor da senhorita é tal qual o senhor deseja, diga-lhe então quem é, e ela não terá mais dúvidas.

(FÍGARO ACENDE TÔDAS AS VELAS QUE ESTÃO SOBRE A MESA)

conde-Ei-la minha bela Rosina!

Rosina.- (CHEIA DE COMPOSTURA) Tu começava a recear que o senhor não viesse.

Conde-Adorável inquietação!...Senhorita, não deve abusar das circunstâncias para lhe propor que partilhe da sorte de um infeliz.Mas se a senhorita quiser escolher algum asilo, juro-lhe por minha honra.

Rosina- Se o dom de minha mãe não devesse seguir imediatamente ao do meu coração, não estaria o senhor aqui. Que a necessidade justifique a seus olhos o que esta entrevista tem de irregular!

conde- Uma dama como Rosina acompanhar um infeliz sem bens de fortuna, sem títulos de nobreza!

Rosina- Fortuna! Nobreza! Deixemos a parte esses caprichos do acaso, e se o senhor me garante que as suas intenções são puras...

Conde-(A SEBS PES) Ah! Rosina, adoro-te!...

Rosina-INDIGNADA) Basta, miseravel!... ousas profanar!...Tu me adoras Hein?

Vai-te! já não es perigoso para mim; eu esperava esta palavra para detestar-te. Mas, antes de te abandonar ao recurso que te espera (CHORA) fica sabendo que eu te amava... fica sabendo que eu punha toda felicidade em partilhar de tuas penas, de teus trabalhos. Miseravel Lindor! Tu que ia deixar tudo no mundo para seguir-me...Mas o covarde abuso que fizeste

Nas o covarde abuse que fizeste da minha ingenuidade e a indignidade do despresível conde de Alnaviva, fizeram com que me voltasse às mãos esta prova da minha fraqueza. Reconheço esta carta?

Conde-(VIVAMENTE) Que Bartolo te entregou?

Rosina-Altivamente) Sim, esta obrigação lhe devo eu.

conde- Meu Deus, como sou feliz!

Fígar.(suspira)

conde-Éle obteve-a por meu intermédio. Ontem no embarcãõ eu que me achava servi-me dessa carta para lhe captar a confiança...E desde então não achei oportunidade para te informar de que acontecêra. Ah! Rosina! É então verdade que me amas verdadeiramente!?!...

Fígaro-Bem senhor conde, o senhor não procurava uma mulher que o amasse por si mesmo...

Rosina- SENHOR CONDE! Que diz êle.
(CONDE LANÇANDO A CAPA, APARECE MAGNIFICAMENTE VESTIDO A FIDALGA)

Conde- Ó tu, a mais amada entre as mulheres! Já é tempo que eu deixe de enganar-te o homem que se encontra a teus pés não É Lindor...

Fígaro.- (COMICAMENTE) É O CONDE DE ALNAVIVA)

Rosina-(CAI DURA NO CHÃO% Ahhhh!

Conde-Fígaro! Vê o que fizeste! (ACUDINDO)

Fígaro- Eu?... Ora nada de inquietações, a suave emoção da alegria nunca tem consequências desastrosas. Vêja como já recupera os sentidos... Caramba! Como é linda!

Rosina-Ah!.Lindor... Ah! senhor, que culpada sou eu! Ia entregar-te a meu tutor nesta mesma noite...

Conde- Tu Rosina!

Rosina-Não encares senão o meu castigo! Eu teria passado toda a vida a detestar-te: Ah! Lindor! Odior, não é esse o mais terrível quando nos sentimos feitos para amar?

Fígaro- Exelexia, cortaram-nos a retirada. Alguem tirou a escada da janela

conde- Tiraram a escada?

Rosina.-Sim fui eu...foi o deuter. No que deu a minha credulidade! Êle xx enganou-me. Confessei tudo: êle sabe que estas aqui, e vai chegar com a policia.

Fígaro(OLHANDO DE NOVO) Exelexia estão abrindo a porta da rua.

Rosina(CORRE ATERRADA PARA OS BRAÇOS DO CONDE) Ah! Lindor.

conde-(COM FIRMEZA)- Rosina Tú me aras! Eu não tere ninguém...

fígaro-(INTERROMPIDO) nem eu...

conde-Tu seras minha esposa...castigarei esse maldito velho com prazer

rosina-Não, não, tem piedade, querido Lindor. Meu coração esta tão cheio que nêlo não há lugar para vingança.

Fígaro(A PARTE) Que gracinha!!! (OLHANDO DE NOVO A RUA) Ihh! É o nesse notário, Excelência.

conde- E o nesse ~~maxixix~~ amigo Basílio com êle.

Basílio- Oh! Que vejo eu?

Fígaro-(IMITA-O Repetindo) Oh! que vejo eu? Escuta, por acaso...

Por que contratempo, senhores? (BASÍLIO)

Notário-São aquêles os futuros cônjuges?

conde- Exatamente. O senhor deveria casar a senhorita Rosina e a vir esta noite, na casa de fígaro; mas deos preferência a esta casa por motivos que saberá. Tem ai o nesse contrato?

Notario- Tenho então a honra de falar com o Conde de Alraviva?

conde- Perfeitamente.

Basílio-(A PARTE) Se foi para isso que êle me deu a chave...

Fígaro-(OUVINDO) Foi foi para isso sim, agora não atrapalha...

Notário- É que tenho dois contratos de casamento, Excelência.Não confundam-se. Eis aqui o de senhor bartólo com a senhorita...Rosina também...

Fígaro- Essa é outra... essa é outra...

notário- Pêlo visto são duas primas que tem o mesmo nome...

fígaro- Isso mesmo...Isso mesmo...

Conde-Bem assineros. Don Basílio terá a honra de nos servir de 2atestemunhas

basílio-Mas Exclência... eu não compreendo...

fígaro-E nem precisa compreender (empurrando-o)

Conde- Que é isso, mestre Basílio? Um nada o embaraça, e tudo o espenta?
(LANÇA-LHE UMA BOLSA)

Basílio-Oh! Oh!

Fígaro- E agora que a dificuldade saiu de férias, queira pegar a caneta...

Basilio(SOPESANDO A BOLSA) Acabou-se. Mas é que eu, uma vez empenhada a minha palavra, só nesse motivos de grande pêso...

BARTOLO ENTRA NO MOMENTO EM QUE O CONDE BEIJAVA A MÃO DE ROSINA)

~~xxxxxx~~BARTOLO- Rosina Com êsses tipos! Prenda a todos . Um ja tenho seguro

Fígaro- É o seu notário, senhor...

basílio-É o seu notário. Está brincando?

Bartolo- Ah! Don Basílio. Como é que o senhor estava aqui?

Basílio- E como é que o senhor não estava aqui?

(ALCAIDE DESIGNANDO FÍGARO)- Um parente êste eu conheço. Que faz você aqui nesta casa nesta hora?

Fígaro- Nesta hora? Bem vê o senhor que está tão perto da manhã quanto da tarde. Alias pertence à comitiva de Sua Excelência o senhor conde de Alnaviva.

Bart.- Alnaviva?

Alcaide- Então não são ladrões?

Bart.- Não falemos mais nisso. Em qualquer outra parte, senhor conde, bem sei que estou a mercê de V.Excia.;, mas aqui em minha casa o senhor deve compreender que não prevalece a superioridade de posição. Tenha a bondade de retirar-se.

conde- Sim, aqui não prevalece a posição. O que prevalece, e muito, é a preferência com que a senhorita acaba de me distinguir, concedendo-me voluntariamente a sua mão de esposa.

Bart.-Que diz êle, Rosina?

Rosina- O que acabou de ouvir. E de que se espanta o senhor? Esta noite eu não devia vingar-me de um embusteiro? Pois vinguei-me.

Basílio- Bem que eu lho dizia que era o conde em pessoa, doutor...

Bart.- Que me importa? Muito divertido este casamento! Onde é que estão as testemunhas?

Fígaro- Eu já sou pai de idade...

Bart.- Sim mas a outra? (ri)

conde- O senhor Basílio a supriu.

Bart.- Como, Don Basílio! A senhor assinou?

Basílio- Que quer. O diabo dêsse honra tem os bolsos sempre cheios de argumentos irresistiveis.

Bart.- Pouco me importa os seus argumentos. Usarei da minha autoridade.

Conde- O senhor a perdeu, por abuso.

Bart.- A senhorita é menor.

Fíguro- Ela acaba de emancipar-se

Bart.- Ninguém está falando contigo, seu biltre!

Conde-A senhorita é nobre e linda, sou homem de posição jovem e rico; estamos casados. Com esse título que nos honra a ambos, haverá quem se atreva a disputar-na?

Bart.- Jamais hão de tira-la de minhas mãos.

Conde- Ela não está mais em seu poder. Coloque-a nas mãos da lei. E o alcaide que o sr. trouxe, a protegerá contra a violência que lhe quer fazer. Os verdadeiros magistrados são o amparo dos oprimidos.

XXXXX- Sua resistência é inútil diante do honroso casamento, bem vêjo o ALCAIDE seu pavor, quanto a má administração dos bens da pupila, de que xx terá de prestar contas.

conde- Ele que aceite o fato consumado, e eu nada lhe exigirei.

Fíguro- A não ser a quitação de meus cem escudos: Não percamos a cabeça.

Bart.- (IRRITADO) Estavam todos contra mim, meti a cabeça numa casa de marimbondos.

Basílio- Qual casa de Marimbondos, qual nada. Reflita doutor. Não podendo ficar com a mulher, que lhe fique o dinheiro; e depois...

bart.- Oh! deixe-me em paz. Dom basílio! O senhor só pensa no dinheiro.

A mim pouco está importando o dinheiro! Na verdade fico com ele; mas acredita que seja esse o motivo que me determina?

Fíguro (RINDO) Ah! ah! ah! Os dois são da mesma família Excia.

Natário- Mas senhores eu não compreendo mais nada. Não são duas senhoritas que usam o mesmo nome.

fíguro- São, são duas... só que uma desistiu do casamento... a outra

bart.- (LAMENTANDO-SE) E eu que lhes tirei a escada! E só serviu para tornar mais seguro o casamento! Perdi-me por falta de cuidado.

Fíguro- Por falta de siso, isto é que é. Mas falemos a verdade, doutor, quando a juventude e o amor se unem para enganar a um velho, tudo o que o pobre fizer para evita-lo, bem podemos chamar, ajusto título de, A PRECAUÇÃO INÚTIL.

acabou e a minha paciência também

15/7/70

12,15 minutos.

paco

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

imentação

título em Português: O BARBEIRO DE SEVILHA

título original: _____

autor: Beaumarchais

tradutor: Mário Quintana

diretor: _____

produtor: _____

Companhia: Grupo de Teatro da Cidade - Santo André - S. Paulo

Classificação da Censura: 14 Anos

álise _____

Gênero: Comédia

Argumento: Gira sobre a vida de um FÍGARO (Barbeiro de Sevilha). É apresentada a vida de uma jovem, amada por um Conde que para conseguir vencer a responsável pela mesma, uma espécie de Tutor, usa o Fígaro para conseguir o seu intento. O Tutor da jovem que pretendia casar-se com esta, lutou de todas as formas para prejudicar o Conde e a jovem, sendo finalmente vencido e forçado a aceitar a nova situação.

1 - Mensagem: Positiva.

2 - Impressão final: Quê triunfo do amor contra a maldade.

Diálogos: Simples.

Cenas: _____

f) Personagens: Fígaro, Conde, Rosina, Basílio e outros.

g) Valor educativo: Bom - Apresenta o modo de viver na Idade Média.

III) Conclusão - Sugiro seja a presente peça, liberada para maiores de 14 Anos, visto que, embora não apresente diálogos fortes, será de boa norma não apresentar para público com idade inferior a pedida acima.

Milhomem

Brasília, 03 de Agosto de 19 70

Carlos Alberto Milhomem de Sousa
Técnico de Censura - Cart. nº _____
Carlos Alberto Milhomem de Sousa

Sr. Chefe da Seç. Censura:

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Téc, Censura Milhomem, que a examinou.

Título: O BARBEIRO DE SEVILHA

Autor: Beaumarchais

Calsf. 14 (QUATORZE) ANOS

SCDP, 04 de agosto de 1970

Manoel Miranda Ferreira
MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da TCTC

*be acorda,
parecer com
idêntica impropriedade
já foram emitidos
em peças iguais
geralmen
J. B. 70*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0021863



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2854/70

PEÇA ***/// O BARBEIRO DE SEVILHA ***

ORIGINAL DE BEAUMARCHAIS

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 04 de AGOSTO de 1975

Brasília, 04 de AGOSTO de 1970

**IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS**

Chefe do S. C. D. P. **PROF. WILSON A. DE AGUIAR**

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 90, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada //O BARBEIRO DE SEVILHA//

Original de BEAUMARCHAIS
Tradução de MÁRIO QUINTANA

Adaptação de _____

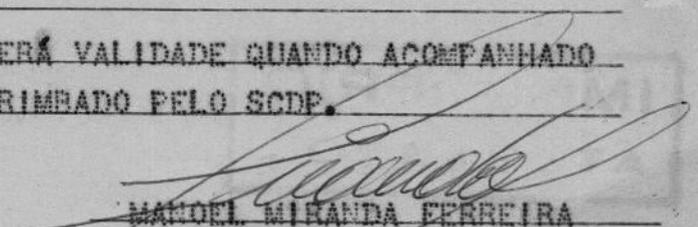
Produção de GRUPO TEATRO DA CIDADE - STO. ANDRÉ/SP

Tendo sido censurada em 03 de AGÔSTO de 1970 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14-QUATORZE- ANOS, CONDI-
CIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

**O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO
DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDE.**

Brasília, 04 de AGÔSTO de 1970


MANOEL MIRANDA FERREIRA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

MEM. Nº 466 /10-TCDC

DO : Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
PARA : Sr. Chefe da TCDC /DR/SP
ASS. : Providências (solicita).

Sr. Chefe :

Solicito suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue o script e o certificado ao interessado, caso a classificação estabelecida por este Serviço esteja de acordo com o observado no ensaio geral, devendo, posteriormente, ser remetido o respectivo relatório.

PEÇA: O BARBEIRO DE SEVILHA
AUTOR: BEAUMARCHAIS
INTERESSADO: GRUPO TEATRO DA CIDADE
ENDEREÇO: STO. ANDRÉ/SP

Atenciosamente,

PROF. WILSON L. DE AGUIAR
Chefe do SCDP.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DELEGACIA REGIONAL - GUANABARA
SEÇÃO DE CENSURA FEDERAL

Título da Peça **O BARBEIRO DE SEVILHA**
Autor **BEAUMARCHAIS**
Tradutor **LEIZ FERNANDO CARDOSO**

Adaptador

Diretor

Produtor

Teatro

GRUPO DE TEATRO CLÁSSICO

Exame Requerido em

22/11/67

Data do Ensaio Geral

DISPENSADO

*Em face do parecer,
expe. de certificação
e proibição por menores
até 14 anos/Em 30.11.67*

*Insula
Auge & S. F.*

Parecer Sobre O Texto

: Trata-se de conhecido texto de Beaumarchais sobre usos e costumes da Itália galante. Comédia de situações, bem estruturada e que serviu de libreto para a ópera de mesmo nome.

Dispensamos o ensaio.

Observações Sobre O Ensaio Geral

PROC.-	220
LIV.-	01
PAG.-	89
REG.-	2854

MJ - DPF - DCDP	
ARQUIVO	
N.º PROTOCOLO:	27225
PRACA:	NATAL - RN
JÁ LIBERADA:	Sim
IMPROPRIEDADE:	14 out
N.º CERTIFICADO:	2854
TERMINO VALIDADE	1/18

© BARBEIRO DE SEVILHA

BEAUMARCHAIS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

MJ-DFP-SRA/BSB

30 MAI 08 50 027225

02
0

Re

Of. nº 42/73-PEU

Natal, 23 de maio de 1973

Do Pró-Reitor de Extensão Universitária

Ao Ilmº. Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Brasília - DF

Ilustre Senhor:

O TONUS (Teatro Novo Universitário), desta entidade, está ensaiando, para lançamento ainda no corrente ano, a peça "O Barbeiro de Sevilha" de Beaumarchais, com a adoção do texto anexo, que submeto à apreciação desse Serviço.

Solicito, pois, que, feita a conveniente análise, seja expedida a autorização exigida, nos termos da legislação em vigor.

No ensejo, formulo protestos de estima e consideração.

Francisco das Chagas Pereira

Francisco das Chagas Pereira
Pró-Reitor de Extensão Universitária

FCP/hl

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Handwritten signature and initials

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70

Nº 21292

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: O BARBEIRO DE SEVILHA:-

~~Original de Beaumarchais:-~~

Música de ~~Mário Quintana:-~~

Tradução de ~~Mário Quintana:-~~

No Teatro ~~XXXXXX~~-Cidade ~~XXXXXX~~

Empresa ~~XXXXXX~~-Pela Cia. ~~XXXXXX~~

nos dias PARA STR. CENSURADA:- ~~XXXXXX~~

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de ~~XX.X~~% ~~XXXXXX~~

~~XXXXXX~~ da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$ ~~XXXXXX~~

por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota porcentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Brasília, DF., 29 de maio de 1973

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Handwritten signature
(pela SBAT)

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

04
[Handwritten signature]

S. C. T. C.

TÍTULO: O BARBEIRO DE SEVILHA
GÊNERO: PEÇA TEATRAL

1) S. ARQUIVO

Documentação: Em ordem
Já liberada?: Sim
Cls. Estária anterior: 14 anos
Praça: NATAL - RN
DF. 301 051 73

[Handwritten signature]
Chefe do Arquivo

4) CHEFE S. C.

[Handwritten notes:]
Solicitação
face ao parecer
da 3629/73, su-
gindo liberação
por mais de
quatorze anos
Em 11/6/73
[Handwritten signature]
Rogério Nunes

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: Fernaz
Técnico de Censura: _____
Técnico de Censura: _____
Data para Exame: de 04/06/73 a 06/06/73

OBS:
DF. 34105173
[Handwritten signature]
Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com o pa-
recer 3629/73 -
quatorze (14) anos -
sem corte, concessão,
vazio, e restituição, ao
uso geral.
Exulta-se os certi-
ficados com validade
até 08/07/73
[Handwritten signature]
V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCCP

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 11/06/1973
[Handwritten signature]
Rogério Nunes



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

05

Parecer Nº 3629/73

Título: O BARBEIRO DE SEVILHA

Classificação Etária: 14 ANOS

Espécie: Peça teatral Com cortes: não

Boa Qualidade: -x- Livre P/Exportação: -x-

Dublado: -x- Legendado: -x-

Vedada a Exploração Comercial: não

Cenas: a vista do ensaio geral

Época: Idade média Gênero: Drama

Linguagem: simples

Tema: Amôr

Personagem: Normais

Mensagem: positiva

Enredo: Fígaro o barbeiro serve de intermediário entre o casal que se ama e o tutor da moça que a pretendia também, como esposa.

1 - Cortes: Não os há.

2 - Conclusão: Considerando ser peça com certificado de Censura em vigor e havendo identidade de texto, confrontados, obedecemos o disposto no artigo 10 da lei 5536/68 ratificando a classificação etária anteriormente dada a presente peça, ou seja improprio até 14 anos.

Brasília, 2 de junho de 1973

Joel Cerraz - Tec. Cens.

389/73 - SOTG/SC/DCDP

6

junho

3

DIRETOR DA DIVISÃO DE POLÍCIA FEDERAL - RN

" O BARBEIRO DE SEVILHA "

" BEAUMARCHAIS "

DIRETOR:

NA UNIVERSIDADE FED. RIO G. NORTE

FVAN/fnn.

2.854/73

O BARBEIRO DE SEVILHA -

BEAUMARCHAIS

PROIBIDO PARA
MENORES DE
QUATORZE ANOS

04 AGOSTO 75
11 JUNHO 73
- ROBERTO NUNES -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0021878
DR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

01

89

: O BARBEIRO DE SEVILHA

: BEAUMARCHAIS

: TEATRO NOVO UNIVERSITÁRIO - RN -

02

JUNHO

73

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICI-
ONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALI-
DADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: FRANCISCO DAS CHAGAS PEREIRA

[Handwritten signature]
11 JUNHO 73

[Handwritten signature]
- DEUSETH BURLAMAQUI -



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Of. nº 47/73-PEU

Natal, 29 de maio de 1973

Do Pró-Reitor de Extensão Universitária

Ao Ilmº. Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Departamento de Polícia Federal

Brasília - DF

*ao apuro,
anexo e encaminhado*

5/11/73

Ilustre Senhor:

TONUS

Em aditamento ao meu ofício nº 42/73-PEU, relativo ao texto da peça "O Barbeiro de Sevilha", a ser encenado pelo TONUS, estou enviando em anexo a Autorização nº 135001 da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais).

No ensejo, reitero protestos de especial deferência.

Francisco das Chagas Pereira
Francisco das Chagas Pereira

Pró-Reitor de Extensão Universitária

A remessa da guia anexa foi desnecessária tendo em vista haver sido juntada outra guia expedida por Brasília.

FCP/h1

14/6/73

Reconhecida como de Utilidade Pública
pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agosto
de 1920. —



Afilhada à Confederação Internacional das
Sociedades de Autores e Compositores,
de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL
BR DFANBSB NS;CPR.TEA.PTE.

0023880

Direitos de Representação Autorização Nº 135001

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: "O BARBEIRO DE SEVILHA"

Original de BEAUMARCHAIS

Música de ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

Tradução de Mario Quintana

No Teatro ALBERTO MARANHÃO Cidade NATAL (RN)

Empresa TEATRO NOVO UNIVERSITÁRIO Pela Cia. U.F.R.N.

nos dias Última semana de junho de 1973

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 10% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr\$ 106,80 por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Natal, 07 de Maio de 19573

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

J. Gibelli
(pela SBAT)

Isento de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.